



# DIÁRIO

## da Assembleia Nacional

IX LEGISLATURA (2010-2014)

5.ª SESSÃO LEGISLATIVA

### REUNIÃO PLENÁRIA DE 13 DE MARÇO DE 2013

**Presidente:** Ex.<sup>mo</sup> Sr. Alcino Pinto

**Secretários:** Ex.<sup>mos</sup> Srs. Deolindo Da Mata

Adllander Matos

Filomena dos Prazeres

#### SUMÁRIO

O Sr. Presidente declarou aberta a sessão às 10 horas 15 minutos.

Deu-se continuidade à análise conjunta, na especialidade, do OGE e das GOP 2013, vendo a área económica, a saber, os Ministérios de Obras Públicas, Infra-estruturas, Recursos Naturais e Meio Ambiente, da Agricultura, Pesca e Desenvolvimento Rural e do Comércio, Indústria e Turismo. Intervieram, a diverso título, além do Sr. Primeiro-Ministro (Gabriel Costa), e dos Srs. Ministros de Obras Públicas, Infra-estruturas, Recursos Naturais e Meio Ambiente (Osvaldo Abreu), Ministro da Agricultura, Pesca e Desenvolvimento Rural (António Dias) e do Ministro do Comércio, Indústria e Turismo (Demóstenes Pires dos Santos), os Srs. Deputados Arlindo Barbosa (MLSTP/PSD), Dionísio Fernandes (MLSTP/PSD), Delfim Neves (PCD),

Guilherme Octaviano (MLSTP/PSD), Edite Salvaterra (PCD), Danilo Santos (MLSTP/PSD), Hélder Costa (MLSTP/PSD), Albertino Bragança (PCD), Ângela Viegas (MLSTP/PSD), Yurgue-Anatali (PCD), Fernanda Margato (MLSTP/PSD), António Ramos (MLSTP) e Adelino Pires Neto (MDFM/PL).

O Sr. Presidente encerrou a sessão às 12 horas e 25 minutos.

O Sr. **Presidente**: — Srs. Deputados, existe quórum pelo que declaro aberta a sessão para a continuidade da análise e discussão das GOP e do OGE para 2013 na especialidade.

*Eram 10 horas e 15 minutos.*

*Estavam presentes os seguintes Srs. Deputados:*

Acção Democrática Independente (ADI):

**Adérito** de Oliveira Bonfim dos **Ramos**  
**Adilson** Cabral **Managem**  
**Alexandre** da Conceição **Guadalupe**  
**André** Varela **Ramos**  
**Bilaine** Carvalho Viegas de **Ceita**  
**Carlos** Alberto Pires **Pinheiro**  
**Carlos** Manuel **Cassandra** Correia  
**Cecílio** Quaresma da Graça Sacramento  
**Celmira** de Almeida do **Sacramento**  
**Domingos** José da Trindade **Boa morte**  
**Domitília** Portulêz **Trovoada** da Costa  
**Flávio** Pires **Mascarenhas** dos Ramos  
**Hélder** **Paquete** Lima  
**Heliodoro** Pires **Quaresma**  
**Idalécio** Augusto **Quaresma**  
**Isabel** Mayza Jesus da Graça **Domingos**  
**José António** Sacramento **Miguel**  
**José Manuel** Costa Alegre  
**Manuel** da Graça José **Narciso**  
**Mário** **Fernando**  
**Martinho** da Trindade **Domingos**  
**Octávio** da Costa de **Boa Morte** Fernandes  
**Roberto** Patrício das Neves **Lombá**

Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe/Partido Social-Democrata (MLSTP/PSD):

**Adllander** Costa de **Matos**  
**Alcino** Martinho de Barros **Pinto**  
**Ângela** **Viegas** Santiago  
**António** da Trindade Afonso **Ramos**  
**António** Neves Sacramento **Barros**  
**António** **Monteiro** Fernandes  
**Arlindo** **Barbosa** Semedo  
**Deolindo** Luís da Trindade da **Mata**  
**Dionísio** Fernandes **Leopoldino**  
**Domingos** **Monteiro** Fernandes  
**Danilo** Neves **dos Santos**  
**Fernanda** Mendonça de Azevedo **Margato**  
**Filomena** Sebastião Santana **Monteiro** d'Alva  
**Guilherme** **Octaviano** Viegas dos Ramos  
**Hélder** **Afonso** da Costa das Neves  
**Higino** Vera Cruz **Will**  
**José** da Graça **Viegas** Santiago  
**Jorge** **Amado**  
 Manuel da Cruz **Marçal** **Lima**  
**Manuel** **Martins** Quaresma  
**Silvia** Ambrósio Gil **do Espírito Santo**

Partido de Convergência Democrática (PCD):

**Albertino** Homem Sequeira **Bragança**  
**Cipriano** Sousa **Riqueza**  
**Delfim** Santiago das **Neves**  
**Filomena** Maria dos **Prazeres**  
**Francisco** Inácio da Silveira **Rita**

**Maria Edite Salvaterra Pinto**  
**Yurgue-Anatali da Silva Correia Francisco**

Movimento Democrático Força da Mudança/Partido Liberal (MDFM/PL):

**Adelino Pires Neto**

O Sr. **Presidente**: — Como tínhamos acordado ontem, vamos analisar hoje a área económica. Temos neste momento a presença de 29 Deputados, sendo eles apenas do MLSTP/PSD, do PCD e do MDFM-PL.

Havendo quórum, pedi aos serviços para convidarem Sua Excelência o Sr. Primeiro-Ministro e os demais Membros do Governo, para tomarem os seus lugares na Sala.

*Pausa para entrada dos Membros do Governo na Sala.*

*Entretanto, entraram na Sala os Srs. Deputados do ADI.*

Gostaria de saudar o Sr. Primeiro-Ministro e as Sras. e Srs. Ministros, dando as boas-vindas a esta Casa Parlamentar. Vamos dar continuidade à análise do OGE e das GOP para o ano 2013 e, como disse anteriormente, hoje vamos analisar a área económica.

Daí que declaro aberta as inscrições para intervenções.

*Pausa.*

Tem a palavra o Sr. Deputado Arlindo Barbosa para uma intervenção.

O Sr. **Arlindo Barbosa** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro e Srs. Membros do Governo, Sras. e Srs. Deputados, as minhas saudações e quero desejar um bom trabalho para todos.

Sr. Primeiro-Ministro, aquando da discussão na generalidade, eu tinha colocado uma questão ao Governo, sei que não obtive resposta, porque era uma questão de discussão na especialidade e, por isso, venho recolocá-la. O seu Governo tem uma medida de política nas GOP, na página 24, no capítulo da energia, que diz «extensão da rede de distribuição as cidades e vilas». Como no OGE não vejo verbas para dar resposta àquilo que é a intenção do Governo, no OGE a única coisa que vejo é a electrificação de uma das comunidades do Distrito de Cantagalo, a região de Plano de Água-Izé, a minha pergunta é, no quadro dessa medida de política que se faz referência nas GOP, quais são as comunidades que irão ser beneficiadas com esta extensão da rede eléctrica? Se é só o Plano de Água-Izé ou há outras comunidades. Tenho conhecimento, mas não faço prova se esse projecto é do conhecimento do Governo, que é um projecto para a extensão da rede, tanto para a zona Norte, Monte Forte, Esprainha, Diogo Vaz até Santa Catarina, como para a zona Sul, Caridade, Colónia, Micondó até Porto Alegre. Sei que este Governo, pelo horizonte temporal que tem, não conseguirá resolver isto neste ano, mas penso que, no quadro dessa medida que quer tomar, pode pelo menos dar início, ou inscrever qualquer verba para essas obras, porque essas populações, tanto da zona Norte como da Sul, carecem muito da energia eléctrica. Por isso gostaria de obter esclarecimento do Governo em relação a essa questão.

Há uma dotação no Orçamento também em relação a uma estrada, que diz «do portão de Agostinho Neto (...)», depois está entre parêntese 1km, não sei se é a estrada que vai de Cruz até o portão de Agostinho Neto. Não sei se o cálculo daquela estrada é só de 1km ou se é mais do isso.

Gostaria de felicitar o Governo por esta iniciativa e felicitar o Ministério de Obras Públicas pelas obras que incluiu neste Orçamento em relação ao Distrito de Lembá.

Vejo aqui «protecção de rio (...)», a «estrada Bengá/Rosema», que a questão tinha sido levanta na altura por um Deputado do PCD, «desassoreamento do rio Matamina», enfim, muitas obras que me animam, caso forem implementadas. Há muitas outras e não queria aqui roubar muito tempo.

Sr. Ministro de Obras Públicas, vejo inscrita também a EN1, que liga a cidade capital a Neves, com uma verba de Dbs. 4 800 000 000 00. Gostaria de saber de concreto que intervenção irá fazer nessa estrada, tendo em conta o eu avançado estado de degradação.

Por ora são essas as minhas preocupações, esperando esclarecimentos necessários por parte do Governo.

O Sr. **Presidente**: — Antes de dar a palavra ao próximo orador, quero recordar aos Srs. Deputados e ao Governo que programámos para esta sessão 210 minutos, sendo que o Governo tem 66, o ADI tem 66, o MLSTP/PSD, 55, o PCD, 18, e MDFM-PL tem 5 minutos. Peço aos intervenientes que façam as suas intervenções no marco deste tempo programado.

Tem a palavra o Sr. Deputado Dionísio Fernandes, para uma intervenção.

O Sr. **Dionísio Fernandes** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro e Srs. Membros do Governo, Sras. e Srs. Deputados: Tomo a palavra no quadro da especialidade, tendo em conta que, após a análise das GOP e do OGE, me levantou duas preocupações, que solicito informações, se possível, ao Sr. Primeiro-Ministro. A primeira preocupação toca na área de Obras Públicas e Infra-Estruturas e a segunda na de Hidrocarbonetos.

Portanto, a minha preocupação, Sr. Primeiro-Ministro, é porque na verba mencionada nas GOP e no OGE não vi nenhuma atenção especial à via que liga o Aeroporto à Marginal, até os hotéis do grupo Pestana. Vou dar um exemplo: se vier um turista visitar São Tomé pela primeira vez, ele depois de fazer esse percurso todo até aos hotéis do grupo Pestana reparará efectivamente que a qualidade da nossa estrada é péssima e poderá, se houver algum voo, regressar de certeza devido à qualidade da entrada, que é o espelho da cidade capital. Daí que há toda uma necessidade de diminuir uma parte da verba que se encontra no capítulo 4.2.5.1 das GOP, «gestão das infra-estruturas rodoviárias», na página 20 e na página 35 de 55 do OGE, para se encontrar uma forma de fazer uma intervenção breve, no sentido de sanar este problema, sem esperar o lançamento da caderno de encargos para a reparação de toda a rodovia da cidade capital, conforme está plasmado no OGE.

A minha segunda preocupação, Sr. Primeiro-Ministro, é concernente a questão de hidrocarbonetos. Gostaria de fazer uma pergunta ao Governo: há petróleo em São Tomé e Príncipe? Se há, é rentável? Para quando começaremos a receber a sua receita líquida? Porquê essas perguntas? Para não criar muitas expectativas ao nível do nosso povo.

Outra pergunta: já fizeram o conselho nacional do petróleo? Na minha opinião, neste caso, a minha proposta seria a verba para as despesas correntes das instituições do processo da exploração petrolífera, que se deveria diminuir uma vez que as perspectivas não são muito encorajadoras.

Portanto, são essas as perguntas para as quais eu gostaria de obter esclarecimentos.

Também, ao terminar, Sua Excelência o Sr. Presidente da Assembleia, gostaria de abrir parênteses para referir-me a uma questão que, por lapso, passou-me. É referente à questão que estávamos a discutir no quadro institucional. Gostaria de alertar o Sr. Primeiro-Ministro, se me permite Sr. Presidente, sobre algumas irregularidades que existem no nosso distrito.

O Sr. **Presidente**: — Se faz favor.

O Sr. **Dionísio Fernandes** (MLSTP/PSD): — Sr. Primeiro-Ministro, a minha preocupação já vem de há muitos meses. É concernente aos sinais da TVS em todo o Distrito de Caué, em que não recebemos a emissão da televisão, o que para mim é lamentável, numa região, a maior de São Tomé e Príncipe, com pessoas com maior vulnerabilidade e também com a limitação de quadros. Tendo em conta que a televisão é um meio que educa e tem várias outras funções, daí essa chamada de atenção. Gostaria de solicitar, se houver essa possibilidade, de entrar em contacto com os serviços competentes para solucionar esse problema.

O Sr. **Presidente**: — Peço aos caros colegas para estarem mais atentos. Ontem discutimos demoradamente a questão da comunicação social. De vez em quando os Srs. Deputados passam algum tempo em conversas, a distraírem-se nas bancadas e não abrirei mais excepção para essa questão.

Vamos dar continuidade à questão económica.

Tem a palavra o Sr. Deputado Delfim Neves, para uma intervenção.

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro e Srs. Membros do Governo, Sras. e Srs. Deputados: Sobre o assunto que estamos a discutir confesso, tal como dizia alguém anteontem, que devíamos ter aprovado o Orçamento já há 2 dias. Nesta área económica e financeira do OGE e das GOP pouco ou não temos que acrescentar, se não algumas recomendações e alguns concelhos.

O Sr. Ministro de Obras Públicas tem um orçamento mais cobiçado de todos os tempos da nossa República. Porém, tem uma lista de acções que se conseguir realizar pelo menos 70% estaremos todos de parabéns, todo o povo de São Tomé e Príncipe. Daí que gostaria que, após a aprovação e promulgação deste Orçamento, o meu amigo arregaçasse as mangas e pusesse os sectores a funcionar, porque tem uma lista de acções muito longa e que vai ao encontro das necessidades das nossas populações.

O senhor, na página 20 das GOP, fala de um assunto que é muito preocupante e que tem a ver com a qualidade das casas das nossas populações e aqui atende, efectivamente, a esta preocupação. As casas de alguns cidadãos menos protegidos financeiramente estão em condições mais precárias, há casas em que as pessoas só têm que dormir, pernoitar nelas porque não têm outra alternativa. Quando chove ficam a rezar que amanheça, entra água por todo o canto, algumas tábuas e barrotes completamente degradados, podres. O Governo atende às câmaras distritais e aí sim que acho que devemos aplaudir essa iniciativa de pôr as câmaras a funcionar, atendendo às necessidades primárias das populações. Esta é uma das atribuições das câmaras e por isso é que se chama «poder local», o poder mais próximo das populações. No entanto, fala também da construção de casas sociais. Nesse capítulo deixa-me lamentar a tardia, que nada tem a ver com este Governo, conclusão das 30 casas sociais no Distrito de Mé-Zóchi, que advém de 2007 e até hoje penso que em Bombom essas casas ainda não foram concluídas, o que é muito mau. Quanto mais tempo levamos para concluir uma obra, mais cara fica. Por isso é que vemos aqui outras verbas adicionais para concluir uma obra que devia ter sido concluída, no mínimo, em 2010. Mas, falando das casas sociais, penso que temos que adoptar outra política. Muitos jovens precisam de casas, grande parte desses jovens são

funcionários públicos, têm uma renda baixa e naturalmente não conseguem construir uma casa de 100, 200 000 euros. No entanto, o Governo propõe construir casas de baixa renda, mas temos que adoptar uma estratégia de como é que essas casas vão ser adquiridas. O Governo devia encontrar uma parceria com os bancos, dando garantias a eles, mas antes seleccionar o tipo de casa que pretende construir, o seu custo e lançar, portanto, uma espécie de concurso – porque não é concurso –, porque cada um que necessitar é que vai solicitar ao Governo que querem comprar a casa e ele encaminha-o para o banco. O Governo tem que dar garantias aos bancos para as empresas construírem. Quando se vai para a Europa comprar uma casa, o próprio banco indica o cliente qual é empresa em que deve comprar a casa, porque o banco é que financiou a empresa na construção dessas casas. E vice-versa, quando se vai directamente ao empreiteiro, ele indica qual é o banco em que a pessoa deve ir negociar, porque ele tem obrigações para com esse banco e desta maneira funciona. Se não for com esse mecanismo, vamos construir casas que ninguém irá pagar, depois exibimos listas de devedores publicamente como se fosse que o cidadão vai tomar conhecimento para ir cobrar a essas pessoas. Uma incompetência completa. Quem deve cobrar é o Estado. Grande parte desses senhores que ocuparam as casas e que não pagam, segundo a lista, são funcionários públicos e o Governo tem acesso ao rendimento dessas pessoas. Portanto, o Governo tem que ser competente em agir e não vir publicitar a lista, porque somos impotentes para fazer com que essas pessoas paguem essas casas. Então, para não ter que repetir os mesmos erros, aconselho o Governo a ir por outra via.

Contrariamente ao Deputado que me antecedeu, acho que foi o Sr. Deputado Arlindo Ramos...

**Vozes:** — Arlindo Barbosa.

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Arlindo Barbosa, que disse que não há muito tempo para listar. Eu vou listar algumas obras aqui para depois fazer um pequeno comentário, porque são obras importantíssimas. Desde logo a construção do troço de estrada de Penha, Correia e Ôbô Izaquente; de Ribamato, Bugué e Sam Pôjata; de Sporting e Potó Potó; de Diogo Simão, Gleba a Capela; temos a estrada de acesso ao Cemitério de Santo Amaro; de Ilhéu a Desejada; de Bengá a Rosema, que alguém já tinha dito aqui; a estrada EN3 de Almeirim, que penso que é por via Madre Deus – não está aqui especificado, mas penso que é isto porque a via de acesso principal para Almeirim está em condições; reabilitação do troço de estrada de Oqui del Rei a Bairro da Liberdade; arruamento de Pantufo; temos a estrada de Aeroporto a Praia Gambôa; de Mulundu a Ponte Graça; temos também o troço de estrada de Ototó, Santa Margarida a Santa Cruz; reabilitação da estrada de Conde a Micoló. Aqui neste capítulo gostaria de pedir ao Sr. Primeiro-Ministro para ter atenção ao seguimento de Fernão Dias. Alguém falava aqui ontem que festejamos, ou pelo menos comemoramos o aniversário do Massacre de 53 sempre em Fernão Dias e a via de acesso para aquele local é muito má.

Fala da construção de estrada de Folha Fede a São Finícia, outro cancro que tem que ser resolvido; temos o portão de Agostinho Neto a EN1, que é importantíssima. Alguém levantou a questão se tem mesmo 1km, mas deixemos isso para os técnicos. Desde que esteja do portão de Agostinho Neto a EN1, é essencial. Temos também a questão da estrada que liga o Centro de Saúde de Lobata e a EN1, uma via por que passa ambulâncias com mulheres grávidas e que está completamente esburacada. Tenho até alguma pena da médica que passa por lá todos os dias, a Dra. Filomena, que ela mais do que eu sabe do sacrifício que é passar por aquela via. Outra estrada como Agostinho Neto a Caldeiras; de Micondó-Santana, todas essas estradas e outras que nem sequer mencionei aqui são muito importantes. Há outras também que são importantes, no caso do acesso à empresa Boa Entrada a Canavial, que também tem estradas muito degradadas.

Trazia uma lista para proceder a algumas alterações, mas depois de analisar profundamente o orçamento e ver as verbas que estão distribuídas, ou alocadas para cada acção decidi não fazer qualquer tipo de alteração, mas sim recomendar ao Governo que no próximo ano não se esqueça da EN1 a Canavial, do acesso a Boa Entrada e muitas outras que não tenho agora em mente.

Se citei essas obras todas, é porque é uma lista de compra de supermercado, uma lista importante, mas temos que evoluir, Sr. Primeiro-Ministro. Gostaria de ver esse montante mais amplo no Ministério de Obras Públicas, mas com quatro ou cinco projectos, 10% para atender às necessidades primárias das populações com esses acessos pequenos e 90% para projectos estruturantes. Temos que começar a caminhar para isso. Nenhum país se desenvolve com a quantidade e qualidade da água que temos para distribuir; nenhum país se desenvolve sem um bom porto, sem um bom aeroporto e sem uma boa estrada rodoviária. Se pensarmos assim, Sr. Primeiro-Ministro, endivide o País! Tivemos uma dívida durante 30 anos de 300 milhões de dólares, mas se espremermos os investimentos, quase que enterramos o capital, porque investimos nos sectores que não trazem rendimentos.

Falamos hoje do porto de águas profundas, ainda a obra não teve início porque estamos amarados ao operador portuário, que sozinho diz não ter financiamento para essas obras. Porque é que o Estado não entra? Qual é o problema de o Estado se endividar, mas ser parceiro numa parceria público-privada? Entrar com 40 ou 50% e endividar o País com 200, 300 milhões de dólares, não é problema. Acredito que os nossos parceiros de cooperação, sabendo que estamos a fazer empréstimos para investir num sector em que há retorno de capital, nunca irão nos negar. Estamos a preocupar-nos com empregos directos e indirectos do porto de águas profundas, que nunca mais conseguimos, porque não há dinheiro para investir, quando o Estado também pode ganhar dinheiro. Os 50 ou 60 anos de concessão ao operador seriam 50 ou 60 anos em que também seremos parceiros na operação. Aí estaríamos a atender a todas as nossas necessidades, teríamos um porto de qualidade, teríamos na mesma muitos

empregos, directos e indirectos, o Estado seria sócio e podia, mais tarde, vender as suas cotas para o cidadão nacional. Qual é o problema?

Vemos aqui algumas verbas para atender ao abastecimento de água. Sr. Primeiro-Ministro, esse sistema de depósitos que temos já não funciona para o País que temos. É preciso ter a coragem de investir, empatando também numa barragem para distribuição de água. O que Cabo-Verde fez com a água salgada, minha gente, é uma vergonha termos tanta água doce a escorrer directamente para o mar. Custa sim dinheiro e vontade de fazer. Se tivermos aqui uma barragem para estancar essas águas vão directamente para o mar, tratá-las e distribuí-las e já não teremos qualquer problema com os pequenos remendos que fazemos aqui com a água. Estamos a atender sim nesta fase, mas temos que ser mais ambiciosos.

Energia eléctrica, até quando? Vejo cá uma verba projectada para fazer um estudo de um plano director para a energia eléctrica. Bem-haja, mas que seja mais célere e que tomem decisão. O nosso país não comporta o custo com a energia térmica. Já agora pergunto ao Sr. Ministro qual é a dívida do Estado para com a ENCO, relativamente à subvenção do custo do gasóleo.

Gostaria de saber também...

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado, o tempo do seu Grupo Parlamentar já quase se esgota...

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Os 18 minutos? Ainda não os esgotei...

O Sr. **Presidente**: — Estou a alertar que o tempo do seu Grupo Parlamentar se está esgotando.

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Ah, está se esgotando. Está bem, vou pedir alguns minutos aí aos nossos amigos.

Dizia que é bom que a gente saiba qual é o custo que temos com a energia. Hoje o Estado paga para a subvenção do custo do gasóleo um valor, quer dizer, que não posso calcular, mas o Ministro virá cá dizer qual é a dívida actual do Estado para com a ENCO.

Do mesmo modo, qual é a dívida da própria EMAE para com a ENCO? Porque mesmo a parte que a EMAE recebe, se calhar a facturação não é suficiente para cobrir as despesas e pagar à ENCO, rigorosamente. Até quando? Temos que encontrar energias alternativas.

Outra questão tem a ver com o sector do Comércio, Indústria e Turismo. Vejo cá nas GOP uma questão muito importante, que tem a ver com as pequenas incubadoras industriais. Bem-haja! «Criação de incubadoras de empresas» e também «formação e capacitação de mão-de-obra de transformação de produtos locais». Isso é muito importante. Temos aqui quase todos os produtos para sumo e para compotas, sobretudo frutas, mas atendemos em função da época. Quando estamos na época da manga, usa-se manga; quando estamos na época da cajamanga, usa-se cajamanga, quando devíamos ter conservas de suco de todas essas frutas. Há quem faça gelados...

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado, faça o favor de concluir.

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Acabou-se o tempo?

O Sr. **José Viegas** (MLSTP/PSD): — Vamos conceder-lhe mais 10 minutos.

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Muito obrigado Sr. Deputado Líder Parlamentar do MLSTP/PSD.

Para concluir muito rapidamente, no Orçamento vejo uma questão muito importante, mas tenho algumas dúvidas, em função do montante. Vi que o Ministério de Obras Públicas tem uma verba para implementação de uma indústria de transformação de lixos em biocarvão. Fantasmático! Essa é uma questão transversal! Recolha de lixo já é muito importante, porque ela vai, naturalmente, estancar todo o tipo de doenças que podem advir do lixo. Logo, teremos também a questão do paludismo minimamente controlada, porquê? Porque atacamos muito as pequenas concentrações de águas pluviais e nos esquecemos das garrafas de cerveja, das latas de sumo, garrafas de água, pneus, plásticos que são atirados em todos os cantos do País. Esses resíduos acumulam também água e os mosquitos vão desovar naquela água. Como controlar o paludismo se temos uma centena de milhões de lixos de garrafas e latas aí espalhadas pelos cantos? Daí que a incineração de lixos sólidos, orgânicos e até mesmo hospitalares, transformando-os em biocarvão, que é aquilo que chamamos de adubo que importamos em grande escala para a agricultura, isso é uma mais-valia. No entanto, tenho algumas dúvidas. Não sou perito na matéria nem sequer a conheço, mas uma indústria desta natureza com o valor que está aqui, bom, é fundo do PNUD e não sei se é o que tem disponível, ou se é porque o PNUD fez algum estudo. Se o fez, tudo bem, mas se é a verba que está disponível, aconselho o Governo a pôr lá à frente deste projecto «primeira fase». Isso para permitir que, em caso de a verba ser superior, quando houver, eventualmente, o orçamento rectificativo, se poderá aumentar, ou no próximo ano inscrever-se mais uma vez para concluir a obra.

Portanto, é tudo quanto me apraz dizer neste momento.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Guilherme Octaviano, para uma intervenção.

O Sr. **Guilherme Octaviano** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, Srs. Membros do Governo, Caros Colegas Deputados: Gostaria de, em primeiro lugar, dizer que quanto ao assunto temático que abordamos, que é a área económica, efectivamente há aspectos aqui bastante relevantes e que, no âmbito das GOP, levanta-nos algumas questões que eu pessoalmente acho de extrema importância.

Começaria pela questão ao nível da pecuária. Em primeiro lugar, a pecuária representa um dos sectores importantíssimos do nosso país em termos de produção alimentar e, felizmente, o Sr. Ministro da Agricultura tem tido já uma iniciativa que é digna de louvar, porque já tem estado a envolver e a incluir o sector privado nesta dinâmica. Portanto, é um entendimento, uma filosofia de desenvolvimento que considero muito positiva de inclusão e de participação dos outros elementos que também se dedicam a essa actividade. Sabemos de antemão que outrora a pecuária tinha sido o elemento fundamental que ajudou imenso na educação de muitas famílias, que hoje já ocupam alguns lugares fundamentais na sociedade. Portanto, acho que essa questão da pecuária é de extrema importância e é de felicitar, ao nível do Programa, os aspectos que estão cá indicados. Apenas algumas dúvidas, quando diz «promover a pecuária empresarial». Gostaria apenas que especificasse o que é essa concessão.

Indo para o sector das Pescas, na página 18 das GOP diz também: «melhoria das capacidades dos pescadores». Era bom que também houvesse uma clarificação do que se entende por essa melhoria, porque entendemos que é necessária a questão dos estudos, porque somos um país rodeado pelo mar e acho que deve ser um elemento fundamental da nossa riqueza e que permite não só trabalhos, mas com uma nova mentalidade em termos de pescas. Portanto, esse aproveitamento deve ser muito organizado, porque tivemos em tempos casos dos nossos pescadores que tinham motores de pesca, mas que infelizmente esses motores foram para outras paragens. Para isso, também é necessário a educação da população, a colaboração desta em termos de meios que o Governo tende a buscar para ela.

Indo para uma terceira questão que é a das florestas, também reparamos que elas têm sido, nos últimos dias, muito devastadas e com implicações bastante desastrosas. Para isso, era necessário que houvesse um inventário florestal. Acrescentaria a questão do inventário florestal para que, efectivamente, tenhamos uma ideia muito mais real das espécies de árvores que temos.

Algumas questões já foram abordadas no sector do Comércio pelo colega que me antecedeu, mas perguntaria: a instalação da Agência de Promoção do Comércio e Investimento prevê-se para quando?

Por outro lado, o gabinete da zona franca foi ou não foi instinto? Portanto, era bom que tivéssemos a ideia de qual é a situação real do gabinete das zonas francas que tinha sido criado e que houve muito murmurinho em torno desse sector. Era bom que o Governo nos informasse sobre a situação real deste gabinete. Atendendo a importância que tem, qual é agora a estratégia? O que é que o Governo entende neste momento para o gabinete das zonas francas?

Continuando nas minhas notas e nas questões que trouxe, reparo que, agora passando para o sector da Indústria, se aborda a questão da «promoção da qualidade das unidades agro-industriais e capacitação de micro e pequenos empresários». Sr. Primeiro-Ministro, em torno de todo o documento, vejo a questão da formação e da capacitação. Espero que haja uma harmonização para que essa capacitação não seja com pequenas capelitas, pequenas ilhas espalhadas em todos os diversos sectores, para que haja aproveitamento de recursos em torno dessa própria capacitação, porque poderá dar-se o caso de num sector fazer-se uma capacitação que ao mesmo tempo será aproveitada para o outro. Portanto, em termos de emprego e ocupação, era bom que a questão de formação/capacitação fosse devidamente aproveitada e redimensionada.

Agora iria para o sector de Obras Públicas e Urbanismo. Digamos assim, é um superministério e é bom que o Sr. Ministro tenha realmente um grande balão de oxigénio para aguentá-lo. Estou certo que ele poderá dar resposta. Quanto a isso, o segundo parágrafo da página 20 das GOP diz: «melhoria das condições da população (...)». Não sei se é «melhoria das condições de vida da população». Ali parece-me que há qualquer coisa que falta, mas o que gostaria de entender é o que é essa questão que diz «que resposta de forma cabal (...)». O que é «que resposta de forma cabal»? Paralelamente a isso, gostaria de felicitar o sector, porque também entra no Distrito de Mé-Zóchi. Felizmente vê-se muitas estradas e, inclusivamente, não vou enumerá-las, porque o meu colega já teve o cuidado de abordar mesmo aquelas que são desse Distrito, concretamente da Milagrosa, no âmbito das creches, de alguns infantários, jardins-de-infância, da vedação do parque de Bôbô Fôro, mas há algumas questões, Sr. Ministro, que também ficamos preocupados ao nível mesmo das obras das estradas. Como sabe, o Distrito de Mé-Zóchi, além de ser o segundo maior em termos populacionais, tem uma distribuição muito grande que fornece ao Distrito de Água Grande alimentação: banana, fruta, água e muitas coisas. O distrito de Água Grande é um distrito receptor da produção maioritária de Mé-Zóchi...

**Vozes:** — Oh!

O Sr. **Guilherme Octaviano** (MLSTP/PSD): — Portanto, gostaria que na sua análise continuasse a ter em atenção esse Distrito, que produz não só os alimentos, como as grandes cabeças de água e é um distrito histórico do País.

**Vozes:** — Oh!

O Sr. **Guilherme Octaviano** (MLSTP/PSD): — Para terminar a minha intervenção, Sr. Ministro, gostaria de falar da questão da energia. Gostaria que vissemos a questão do uso de energias alternativas. Não sei, é natural que haja,

mas que fizesse o favor de nos brindar com estudos de energias alternativas. Efectivamente poderia ser uma mais-valia, um valor adicional.

Outro colega que me antecedeu já abordou a questão das barragens. Com tanta água que nós desperdiçamos, era bom que houvesse também energias alternativas e também que houvesse uma cultura para não danificar as obras já existentes, de modo que houvesse continuação e melhoria.

Também no próprio OGE vi a questão da água numa série de distritos e só em Mé-Zóchi e em Lobata, se não estou em erro, é que não vi a questão de abastecimento de água potável às populações. Portanto, também gostaria que se revisitasse essa questão.

Para finalizar, sabemos que o poder local tem tido um papel importantíssimo e também ao nível de Mé-Zóchi tem-se alguns trabalhos ligados aos serviços de bombeiros. Como dizia, o Presidente da Câmara tem estado a fazer um bom esforço e temos estado a participar nessa dinâmica e era bom que também houvesse um apoio suplementar a esses serviços.

O Sr. **Presidente**: — Vou dar a palavra à Sra. Deputada Edite Salvaterra, alertando desde já que tem poucos minutos. Tem neste momento 2 minutos e 5 segundos.

A Sra. **Edite Salvaterra** (PCD): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro e seu elenco governamental, Caríssimas e Caríssimos Deputados: Venho aqui para falar mais do nosso meio ambiente. O nosso meio ambiente está muito degradado e ultimamente assisti a uma conferência sobre isso e soube lá que São Tomé e Príncipe é considerado um dos países onde a defecação ao ar livre apresenta um índice muito elevado. Hoje realmente já não temos mato, anteriormente os tínhamos atrás das casas, mas hoje temos todos esses matos ocupados com casas. Portanto, seria bom que o Governo começasse a fazer um estudo para ver se começasse a fazer umas casas de banho para as pessoas mais carenciadas, a fim de evitar essa grande problemática que temos hoje. Por exemplo, muita gente faz porcaria e atira ali nos contentores e assim o ambiente torna-se muito prejudicado.

Além disso gostaria de falar da água potável. Alguns chafarizes têm água, mas esta não é boa para se beber. Muitas vezes a água sai cheia e lama, é o caso por exemplo da localidade de Belém. Às vezes o chafariz tem água e às vezes não tem, outras vezes quando tem a água é suja e a população dali está sempre a lamentar.

Falando muito rapidamente da agricultura, de facto o Governo pretende a melhoria da produtividade e a promoção de produtos locais como forma de combater a insegurança alimentar. Nestes últimos tempos, temos visto muita produção de banana-pão, vê-se em todo lado e muitas vezes ela estraga-se. Devido o calor a banana amadurece rapidamente e os produtores não conseguem vender esse produto como querem. Então, gostaria de saber do Governo se já pensou no escoamento dos produtos.

Era apenas isso.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Danilo Santos, para uma intervenção.

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Sr. Presidente, queria fazer uma proposta à Mesa.

O Sr. **Presidente**: — Se faz favor, tem a palavra.

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Sr. Presidente, por norma, o tempo estabelecido para uma reunião plenária é das 9 às 14 horas, portanto, o que significa 5 horas, ou seja, 300 minutos. Estabelecemos 210 minutos para esta reunião e, no entanto, estamos a notar que o tempo é muito escasso para a intervenção de outros Deputados. Daí que a minha proposta ia no sentido de fazermos a nova distribuição dos 90 minutos que estão em falta para completar as 5 horas regimentais.

O Sr. **Presidente**: — Porei a questão daqui há bocado à consideração. Se faz favor, Sr. Deputado Danilo, tem a palavra.

O Sr. **Danilo Santos** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro e seu elenco, Sras. e Srs. Deputados: Primeiramente queria felicitar o Governo pelo manancial de obras que vemos inscrito, muitas delas esperamos que de facto, como disse aqui o Sr. Deputado Delfim Neves, possamos atingir 70% de realização, que seria extraordinariamente positivo.

Como também disse aqui o Sr. Deputado, é a primeira vez que o Ministério de Obras Públicas tem um grosso de verba tão alto. Isto poderá ter outra explicação, poderá ser a lógica do Governo em concentrar um conjunto de obra neste Ministério e não noutros, mas com obras muito interessantes, pequenas e simpáticas, por exemplo, a estrada de Sporting a Potó Potó.

Há uma obra que o Sr. Deputado aqui mencionou e que vou repetir, que é extremamente importante, porque neste troço já vemos muitas casas e muita gente, que julgo ser o acesso que vai de Madre Deus e rasga todo aquele local até Almeirim. É uma boa obra e esperamos que não fique na inscrição. Mulundu a Ponte Graça, é uma coisinha que vai resolver um grande problema social naquela localidade.



Temos igualmente algumas drenagens. Está inscrita a drenagem de Péte-Péte, Pema-Pema e São João da Vargem, locais com problemas crónicos e que de facto se falarmos no combate ao paludismo e não resolvermos esses pequenos problemas, não estaremos a contribuir na mesma direcção.

Permita-me, Sr. Primeiro-Ministro, que me dirija directamente ao Sr. Ministro de Obras Públicas. Está inscrita igualmente a reabilitação do troço de estrada que vai do Aeroporto a Praia Gambôa e temos o saneamento das praias Gambôa, Lochinga e Cruz, mas a reabilitação da estrada do aeroporto a praia Gambôa levanta uma situação que convém analisarmos com cuidado. Na zona do Centro de Instrução Militar, quem entra para aquele centro dos dois lados, cada vez que chove e porque não tem sistema de escoamento de águas pluviais, a água não drena e está a acumular e vai até à zona em frente ao Aeroporto Velho. Se aperceberem bem, a estrada naquele troço está sempre esburacada e essas casas aí em frente estão todas encharcadas. Mais uma vez estamos a tentar combater o paludismo e estamos aqui com pequenos focos que é preciso tratar.

Daí que, Sr. Ministro de Obras Públicas, propostas em concreto: a reabilitação da estrada do Aeroporto a Praia Gambôa, creio que deve ser precedida da solução do problema desta zona que acumula muita água.

Em relação a casas sociais, Sr. Ministro, vejo aqui no orçamento duas verbas, uma de Dbs. 26 000 000 000 00 e outra de Dbs. 39 000 000 000 00. Já construímos em São Tomé umas casas sociais que de social elas não têm nada, são mais casas para a classe média alta. Daí que, Sr. Ministro, gostaria que nos brindasse com alguns detalhes, estamos a falar de um T1, T2 ou T3? Qual é a distribuição geográfica que estamos a pensar para essas casas sociais? Ouvimos o Sr. Ministro da Juventude e Desportos falar em 400 casas sociais, creio que se referia a estas, mas, sinceramente Sr. Ministro, gostaria que nos acautelássemos no tipo. Se são casas sociais, deverão ser de baixo custo e não casas que só podem ser pagas por cidadãos de classe média alta. Deixarão de ser casas sociais.

Energias renováveis, ou energia limpa, Sr. Ministro. Está inscrito no orçamento que o Governo pensa, só como exemplo, em energias renováveis para alguns centros escolares, para algumas escolas nas localidades em que não tem iluminação. Acho que vamos atrasados com o processo de energias renováveis e limpas e acho que o Governo deveria começar a pensar na possibilidade de projectos-pilotos para a primatura, para a Presidência, para o Ministério da Defesa, para o estabelecimento prisional, para as FASTP e para o Comando Geral da Polícia em termos de energias renováveis. Refiro-me concretamente a placas solares. Projectos-piloto para termos noção das suas vantagens e logo das suas potencialidades.

O Sr. **Presidente**: — Dou a palavra ao Sr. Deputado Hélder Costa, porquanto estou aguardando que os serviços me proponham a redistribuição do tempo, antes de submeter a questão à vossa consideração.

O Sr. **Hélder Costa** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, Srs. Ministros, Sras. e Srs. Deputados: Não poderia deixar de cá vir falar do meu distrito, muito embora tenha recebido há coisa de 10 minutos um telefonema de que faleceu uma irmã minha, em Lisboa.

Sr. Ministro das Pescas, gostaria de um esclarecimento da vossa parte, que não tem a ver com questões financeiras em relação ao orçamento, que tem a ver com os três barcos que estão em Neves. Esses barcos têm trazido problemas com relação ao emprego aos pescadores e isso certamente é do seu conhecimento, juntamente com a câmara.

Outra questão tem a ver também com a energia em Ribeira Funda. Sr. Primeiro-Ministro, não posso aceitar que a energia saia de Neves até a Ribeira Afonso, passa por cima da comunidade de Ribeira Funda, e que lá não tem energia. É lamentável, Sr. Primeiro-Ministro, e gostaria que isso fosse tido em conta.

Outra questão, também gostaria de felicitar o Governo pelas obras que vai levar a cabo ao nível do distrito. Não quero entrar em outra área que é a social, mas sim agradecer com relação às escolas, salas de aulas e por aí fora.

É tudo quanto tenho neste momento.

O Sr. **Presidente**: — Gostaríamos de, interpretando o espírito solidário dos presentes, nos associarmos a si neste momento de dor e de luto e apresentar-lhe a si, em nome da Assembleia, as condolências.

*Murmúrios.*

O Sr. Deputado anunciou que recebeu agora uma comunicação de que faleceu a sua irmã em Lisboa.

*Pausa.*

Srs. Deputados, atendendo a interpelação que foi feita à Mesa pelo Sr. Deputado Delfim Neves, propondo o alargamento do tempo. Quero primeiramente conhecer a vossa reacção. Não sei se há alguma objecção em relação a essa proposta.

*Negaram, acenando com a cabeça.*

Não havendo, Sr. Deputado Delfim, anunciei no início que tínhamos 210 minutos e o Sr. Deputado fez-nos recordar que a tradição é que usamos 300 minutos. Nós utilizámos 200 minutos e, tendo em conta a importância do assunto em discussão, dos 90 minutos adicionais, anuncio que o Governo tem mais 28, o ADI mais 28, o

MLSTP/PSD mais 23, o PCD mais 7 minutos e o MDFM/PL mais 4 minutos. Desta feita, convido o Sr. Deputado Albertino Neto a fazer o uso da palavra. Albertino Bragança, peço desculpas.

O Sr. **Albertino Bragança** (PCD): — Bom dia Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, Srs. Membros do Governo, Sras. e Srs. Deputados: Depois dessa tentativa dupla de me quererem baptizar de novo, venho colocar algumas questões.

Os Srs. Deputados que me antecederam falaram e reconheceram aqui que a nossa capacidade de operacionalização do Orçamento Geral do Estado não é a melhor e, por isso, disseram que se o Governo for capaz de resolver 75% das questões que estão programadas, isso já seria um grande sucesso. Espero que o Governo consiga isso ou muito mais do que isso, mas que o consiga integrando um dos projectos, sobretudo, o projecto de água para as praias Gambôa, Cruz e Luxinga. Essas populações já vivem há muitos anos, há décadas, com problema de água, e com o anúncio da resolução desse problema nos diversos orçamentos gerais do Estado, peço encarecidamente ao Sr. Primeiro-Ministro que os projectos de água sejam prioritários, não só naquelas localidades, mas que os projectos que digam respeito a água sejam de facto prioritários, porque a carência desse bem tem causado muita aflição e muitas reclamações ao longo de muitos anos.

Ainda a propósito dessas zonas, vem também no orçamento o saneamento das mesmas zonas. Eu queria saber em que consiste esse saneamento.

Por outro lado, embora não seja de Mé-Zóchi, claro que os Deputados exercem a sua acção em todo o espaço nacional, tive contacto com a população de Água Crioula, tem o nome de água, mas não tem água e, sobretudo o Estado da estrada é lastimoso e não vi essa preocupação manifestada no OGE que nos foi apresentado. Daí que a questão da estrada e de um chafariz para a população de Água Crioula é uma questão que eu trago à consideração do Governo.

Queria felicitar o Governo, aliás devia tê-lo feito antecipadamente, pela perfeita adequação existente entre o OGE e as Grandes Opções do Plano. Esse é um exercício muitas vezes difícil de encarar, mas essa adequação existe e por isso mesmo eu tenho a obrigação de felicitar o Governo nesse sentido.

Por último, coloco esta questão a todos nós, somos um país com uma capital que é macrocéfala, isso quer dizer que é uma capital que concentra em si, desde a década de 80, o ano do grande êxodo rural devido o fracasso das empresas agrícolas, as populações vieram e se concentraram nos bairros periféricos da cidade. É uma concentração que, estatisticamente, aumenta a cada passo. Por isso, falamos de desenvolvimento rural, mas este é um lapso não só deste governo, mas também dos outros e de nós todos. Quando falamos do Ministério de Agricultura, Pescas e Desenvolvimento Rural, não vimos nas Grandes Opções do Plano, de forma explícita, qualquer referência ao desenvolvimento rural, que nas nossas condições é uma questão de grande importância, já que é preciso fazer com que as populações regressem ao interior, de modo a não despovoar o interior do País. Para dizer que isso pode estar de forma implícita pelas realizações que fazemos a nível da agricultura, da pecuária, etc., estamos a criar condições, mas do ponto de vista da descentralização, que nós advogamos, creio que a questão de desenvolvimento rural deve ser encarada e de forma explícita, porque é uma das grandes carências que temos do ponto de vista da nossa acção política e, sobretudo, a nível distrital.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra a Sra. Deputada Ângela Viegas, para uma intervenção.

A Sra. **Ângela Viegas** (MLSTP/PSD): — Bom dia Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, Sras. e Srs. Ministros, Sras. e Srs. Deputados. Venho cá, não na senda de alguns dos meus colegas, que tomaram a palavra, falando sobre algumas obras muito importantes, se calhar, urgentes, mas que não estão aqui, venho um pouco num outro sentido. Entendendo que o nosso país está tão subdesenvolvido que tem quase tudo prioritário, todavia, acredito que considerando que não temos os nossos recursos próprios, vivemos de recursos alheios, temos que priorizar. Dentro de todas essas urgências é preciso encontrar as que são mesmo mais urgentes. Por isso, começando pelo Sr. Ministro de Obras Públicas, vendo esta lista toda dos projectos que o senhor tem, a minha preocupação é grande, porque do que tem sido até agora, salvo se o senhor conseguisse imprimir uma dinâmica muito forte no seu Ministério, a fiscalização vai ser o nosso problema, porque poderá conseguir adjudicar as obras todas, mas há muito problema com a fiscalização. Eu não posso dizer com provas concretas, mas considerando a pequenez do nosso país, há muitos interesses que se misturam entre as empresas construtoras, nesse caso, e a fiscalização. Somos muito poucos, alguns de nós pertence a determinadas empresas, alguns de nós funcionários, então, é preciso ter muito cuidado e muita atenção, porque muitos dos recursos gastos até agora pelo Estado foram mal aplicados, porque a fiscalização não tem feito o seu papel. É preciso prestar muita atenção, por favor, a esse aspecto.

Estão a falar de tantas estradas, eu falaria da estrada da zona onde eu vivo, em Santo António. Foi feita há poucos anos e já está toda esburacada, pelo menos uma parte de Santo António. Onde é que estava a fiscalização? O que é que fez? Todo o mundo critica os governos, mas é preciso que se chame a atenção dos técnicos.

Olhando ainda para a lista, venho um pouco no sentido de pedir algumas reduções, digamos, eliminação de alguns projectos. Sr. Ministro de Obras Públicas, Sr. Ministro do Comércio, Sr. Ministro das Finanças, temos um projecto que já vem de alguns anos, que é a reconstrução da casa *Bachá*. É um projecto que já vem de algum tempo, sofreu alguns atrasos e, finalmente, tem que arrancar. Devia ser desde o ano passado, creio eu, mas tem que arrancar. Esse edifício vai ser reconstruído para três ministérios, no mínimo, pelo menos se não se alterou o projecto que lá estava, e eu acredito que não tenha sido: o Ministério das Finanças, o Ministério do Comércio e o Ministério de Obras Públicas, uma parte, visto que o Ministério de Obras Públicas já tem o seu próprio edifício. Nesse sentido, proponho que se suprima no âmbito do Ministério do Comércio a rubrica onde nós temos co-financiamento, creio eu, da Nigéria, «construção de edifício ministerial». Acho que, já estando em construção o edifício da casa *Bachá*, não tem sentido construirmos um outro edifício.

O mesmo em relação ao Ministério do Plano e Finanças. Temos também «melhoria das instalações do Ministério das Finanças». Esse Ministério está num edifício muito, muito, muito antigo, ele precisa de ter uma intervenção de fundo, é preciso que as pessoas saiam de lá. Então, se estamos a construir o edifício da casa *Bachá*, deixemo-lo ser construído em 1 ano ou um ano e meio, tira-se as pessoas de lá, porque aquele edifício precisa de uma intervenção muito séria. Não pode ser feita com as pessoas lá, porque é um edifício de muitos anos, construído praticamente sobre o mar. Portanto, eu sugiro que esses dois projectos sejam eliminados, considerando que já temos a construção da casa *Bachá*. Com a economia que se fizer daí, poder-se-á fazer outras coisas que diremos logo a seguir, quando estivermos na área social ou, se não for o caso, porque é crédito, temos que diminuir a utilização do crédito.

Uma vez que estamos a falar do Ministério de Obras Públicas, comentando um pouco algo que foi dito aqui sobre a parceria público-privada, temos que prestar atenção a esse aspecto, porque há experiências de países próximos a nós onde a parceria público-privada tem dado muito mau resultado e tem sido demasiadamente questionada, porque há muitos aspectos que merecem muita atenção e que o nosso país não tem capacidade neste momento de dar atenção. Portanto, temos que prestar atenção a esse aspecto, antes de partir para qualquer coisa nesse sentido.

Continuando e falando um pouco de uma grande atenção que vai ser dada ao empreendedorismo, ao crédito juvenil e várias outras coisas ligadas a isso, na proposta do orçamento do Ministério do Plano e Finanças, temos aqui o projecto de apoio ao micro crédito juvenil, temos também o projecto de apoio ao empreendedorismo, no mesmo âmbito temos no Ministério da Juventude a formação e capacitação dos jovens empreendedores, temos a incubadora jovem, olhando bem há muito mais coisas semelhantes. Digame Sr. Ministro, qual é a diferença entre essas coisas todas?

Não seria possível agrupar-se e fazer-se uma só coisa? Não é imprescindível que se faça uma coordenação? Bom, se julgarem que de facto é muito necessário que esteja tudo isso, muita atenção porque tudo isso é crédito, são fundos de crédito, estamos a endividar, estamos a criar responsabilidade para o futuro. Eu acho que o Governo devia criar uma unidade de coordenação de tudo isso e prestar muita atenção, porque o Estado não se pode substituir aos bancos. Prestar atenção nesse aspecto. O Governo tem um papel muito importante, mas muita atenção de não se fazer de caixa bancária, porque há instituições próprias para dar empréstimos. O Estado tem que entrar em colaboração com as instituições financeiras para verem esse processo, que não sejam os ministérios, criando lá bancas para dar empréstimos. Não pode ser. Muita atenção porque nós, em vez de ajudarmos, vamos destruir a economia por completo, mesmo que a intenção seja tão boa, como é.

Só mais duas questões. Falando ainda sobre a questão da interligação que deve haver entre os projectos dos diversos ministérios, o Ministério da Agricultura, eu queria uma explicação sobre o que é o «reforço das capacidades das *palaiês*». Muitos recursos, Sr. Ministro! Muita atenção com despesas que são de carácter de consumo, num programa de investimento público, porque assim o senhor não vai conseguir atingir as metas que estão programadas no seu quadro macroeconómico para a taxa de inflação de 7%. Muita atenção para saber fazer tudo isso e o nosso projecto de investimento tem que estar de acordo com essa linha. Isso é muito importante, porque se nós tivermos uma taxa de inflação muito alta, não vamos conseguir todo o esforço que queremos fazer com esses projectos todos que estão cá.

Só mais uma pequena questão, vejo no Ministério de Obras Públicas um empréstimo do Banco Árabe de Desenvolvimento para a elaboração do projecto de plano director de energia. Às vezes, quando nós vemos que o financiamento é externo, ficamos com a impressão de que já que é externo, podemos. Bem, isso é quase um milhão de dólares! É muito, no meu entender, e temos que prestar atenção, porque o Estado vai pagar depois, penso que é muito e acho que se pode fazer com menos. Acho que é preciso olharmos bem para isso e prestarmos um pouco mais de atenção a esse aspecto.

Portanto, na lista toda de projectos que o Sr. Ministro de Obras Públicas tem, eu acho que é muito grande, acho que tem um plano faseado de execução dessas obras todas. Por favor, atenção aos conflitos de interesses entre as empresas construtoras e as pessoas que fazem a adjudicação e a fiscalização. Se não houver muito olho aberto sobre isso, nada feito. O senhor pode até ter mais do que 70%, eu acho que se deve programar para cumprir 100% e não 70%. Pode até ter execução em 100%, mas na prática ser menos qualquer coisa.

O Sr. **Presidente**: — Vou agora convidar o Sr. Primeiro-Ministro para fazer as primeiras considerações ou delegar algum membro do Governo para responder às questões que foram aqui colocadas pelas Sras. e Srs. Deputados.

O Sr. **Primeiro-Ministro** (Gabriel Costa): — Sr. Presidente, Ilustres Sras. e Srs. Deputados, eu gostaria, em nome do Governo, de associar-me às palavras de condolências do Governo ao Sr. Ilustre Deputado pela perda irreparável da sua malograda irmã e ao mesmo tempo enaltecer o espírito devotado de Vossa Excelência de, não obstante estar enlutado, participar nos trabalhos desta augusta Assembleia.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, começaria por agradecer igualmente aos senhores pela forma como fizeram a vossa intervenção, numa óptica de melhoria do documento que tivemos o ensejo de submeter à vossa doura apreciação e dizer aos Srs. Deputados que tecerei breves considerações sobre as intervenções e passarei a palavra aos Srs. Membros do Governo para questões pontuais solicitadas por Vossas Excelências.

A última intervenção foi da Sra. Deputada Ângela Viegas, conhecedora efectivamente da matéria e que traz à colação aspectos muito importantes e que o Governo tomou muito boa nota. Eu começaria pela primeira observação por si apresentada, que é a questão da fiscalização das obras. Com efeito, podemos fazer todos os esforços que entendermos para infra-estruturar o nosso país, e nós sabemos que não há desenvolvimento sem infra-estruturação do País. Temos assistido, de algum tempo a esta parte, a reabilitação de estradas que custam muito dinheiro e, se a fiscalização não for bem-feita, corremos o risco, de pouco tempo depois, ter essas estradas numa situação de inoperância e, entretanto, termos contraído dívidas sem que a infra-estrutura projectada possa durar no tempo e possa servir os objectivos de desenvolvimento. É necessário que nós sejamos intransigentes relativamente à situação da fiscalização de obras. É um problema muito sério, temos alguns indícios de mau funcionamento da fiscalização das diversas obras e assumimos o compromisso perante vós, Srs. Deputados, de prestar uma atenção particular de forma que essa fiscalização seja feita correctamente.

Tomamos igualmente boa nota relativamente à reconstrução da casa Bachá, projectada já há algum tempo, e em sofrimento, esperamos que tudo esteja a postos para que se possa efectivamente recuperar esse edifício emblemático da nossa cidade que se apresenta num estado de degradação avançado, como forma de podermos alojar ministérios extremamente importantes e também tomamos boa nota e vamos rever a dotação orçamental relativamente à reparação dos edifícios que mencionou na sua intervenção.

Sobre a questão da parceria público-privada que aludiu, entendemos perfeitamente a intenção do Sr. Deputado Delfim Neves, quando fazia alusão a essa questão. É verdade que a parceria público-privada é, digamos, uma forma de o Estado associar-se ao privado na realização de uma obra de interesse público ou de uma prestação de serviço público, em que participa. Há alguns exemplos, como referiu a Sra. Deputada Ângela Viegas, não muito animadores relativamente à sorte da parceria público-privada em determinadas paragens, mas estamos convencidos de que os maus exemplos não podem encorajar-nos a não recorrer às parcerias público-privadas, se as coisas forem devidamente equacionadas, de forma que o Estado, na escassez de meios, possa beneficiar do concurso privado para a realização de uma obra.

O Sr. Deputado Delfim Neves, quando fazia a sua intervenção, falava do porto de águas profundas, na zona de Fernão Dias. Eu disse aqui desta Tribuna aos Srs. Deputados que nós estávamos numa encruzilhada, relativamente ao futuro deste projecto que é considerado um dos projectos estruturantes para o desenvolvimento de São Tomé e Príncipe e estamos a perder tempo. Tem graça que esse projecto começou comigo, como Primeiro-Ministro. Não tenho qualquer pretensão de reivindicar seja o que for, mas quando somos chamados a desempenhar funções públicas, estamos ao serviço do Estado e movidos apenas por um só desígnio, os homens desfilam e as instituições ficam.

Portanto, dizia eu que vi uma convergência de ideias nos sucessivos governos relativamente ao bem fundado, à necessidade premente de podermos ter em São Tomé e Príncipe, tendo em conta a nossa posição geográfica, no Golfo da Guiné, um porto em águas profundas, para «desencavar» o País e servir de um meio importante para o nosso desenvolvimento. Fomos assistidos pelo Banco Mundial, lançamos as bases para a construção desse porto em águas profundas e chegamos a uma situação em que o operador disse que escreveu ao Estado são-tomense a dizer que o tempo que lhe tinha sido dado para encontrar financiamento não era suficiente e que, face ao silêncio do Estado, não podia continuar à espera da autorização e, portanto, diz que unilateralmente suspende a sua participação no projecto, manifestando sempre o total interesse em participar nele. Nós escrevemos imediatamente ao operador e convidámo-lo para vir a São Tomé e Príncipe, para discutirmos com ele.

Devo dizer aos Srs. Deputados que a questão da qualificação, a questão do *know-how* para lidar com esses problemas põe-se com grande acuidade no nosso caso e acho que devemos, com a transparência necessária, com a determinação, com o pragmatismo, equacionar os problemas. Não podemos ficar amarrados eternamente a um eventual investidor, a um eventual parceiro. Temos que encontrar soluções dos nossos problemas, uma solução inclusiva, com toda a gente. Foi nesta base que criámos um gabinete de projectos estratégicos, onde nós colocaremos pessoas com experiência e competência na matéria, para lidar com os problemas. Aguardamos a todo o momento receber a confirmação da *Terminal Link*, que é o operador, portanto, o sistema do Building Transfer Operate (BTO), isso quer dizer que o porto atraiu um

investimento, o porto seria construído, o projecto estaria à disposição deles para toda a gestão da exploração, num período que está convencionado no acordo assinado com eles e depois a transferência da obra para o Estado são-tomense.

O Sr. Deputado Albertino Bragança fez menção, na sua intervenção, à questão do projecto de água para as praias Gambôa, Cruz e Luxinga. O senhor tem toda razão e está contemplado, no OGE para 2013, água para essas populações flageladas ao longo dos anos, não obstante todas as promessas que têm sido feitas para que se resolva de uma vez por todas a questão da água potável para essas populações. Mais devo informar aos Srs. Deputados que, não obstante o que está previsto, nós teremos dois tipos de financiamento, há um financiamento do BAD e há um outro que é de um parceiro bilateral, provavelmente Angola, mas tendo em conta a preocupação que temos, houve contactos bilaterais feitos pelo Sr. Presidente da República e nós iremos reforçar essa nossa acção de poder aliviar o fardo da falta de água às populações das praias Gambôa, Luxinha e Cruz.

Portanto, é uma preocupação premente, para além de estar no Orçamento, há preocupações adicionais nesse sentido, nós revisitamos tudo o que há como projecto de educação de água, da transformação, também para a população de Guadalupe, temos estado a seguir. Antes de estabelecermos esses programas todos, fizemos com a Direcção da Água o ponto de situação sobre os projectos nessa matéria e tudo isso está equacionado, o nosso grande desafio será, efectivamente, a nossa capacidade de execução daquilo que nós programámos, para resolver o problema que preocupa as pessoas, que são problemas mais elementares, os que têm a ver com a questão mais crucial, que é o acesso a água potável. Costumamos dizer repetidas vezes que se trata de um bem precioso, mas esse bem precioso não entra em casa de toda a gente, não corre nas torneiras de toda a gente, porque os paliativos que encontramos são, por vezes, desastrosos.

Ontem um Sr. Deputado disse aqui que gostaria que quando o Sr. Ministro fosse inaugurar um chafariz fosse o primeiro a beber dessa água. Eu tomei nota e vou beber essa água. Se faço um projecto para as populações e se ponho essa água à disposição delas, eu serei o primeiro a bebê-la, para testemunhar que ela está em condições de ser bebida. Fica aqui o compromisso.

O Sr. Deputado Albertino Bragança falou ainda da questão do saneamento das zonas previstas pelo Governo e queria saber em que consiste esse saneamento. O Sr. Ministro de tutela entrará em detalhes, quando tiver que intervir sobre a questão do saneamento do meio, que é um gravíssimo problema. Fazendo a abordagem de uma forma genérica, o nosso país tem problema de saneamento do meio, recolha e tratamento de lixos, escoamento de água, e falaríamos já da questão levantada por um dos Srs. Deputados, quando aludia à questão estrada do Aeroporto, passando em frente ao Centro de Instrução Militar, e a acumulação de água e tudo o que se relaciona com as enfermidades que isso provoca, por falta de escoamento.

É que o País não tem um plano de ordenamento do território. Nós discutimos essas coisas todas de uma forma deliberada e escapa-nos o essencial. É que o País está a crescer de uma forma desordenada. Cada um «planta» a sua casa como entende, muitas vezes o traçado feito pelos serviços de Planificação Física não é obedecido e às vezes tapam-se estradas que estão projectadas, Ninguém respeita nada, o País não tem um plano de ordenamento do território. Houve, em tempos passados, acho que foram os polacos que fizeram esse plano, mas ele ficou, evidentemente, na gaveta. Portanto, nós precisamos de um plano de ordenamento do território. Muitas pessoas queixam-se amargamente da situação da planificação física, dos conflitos de terra, da forma anárquica que a terra é ocupada. Já é o momento de pormos cobro a essa situação toda, procurando a harmonização, porque nós não temos um espaço físico tão grande. Corremos riscos, o Campo de Milho é um exemplo, e nós devíamos estar tristes, porque este problema não é só deste Governo, mas de todos. Acho que tudo isso devia levar-nos a uma meditação muito séria. Hoje quando vemos as casas que estão no Campo de Milho, sem o mínimo ordenamento, sem saneamento do meio, e há muito dinheiro enterrado lá. Nós não podemos continuar a prosseguir com esta nossa forma errada, quanto a mim, de dirigir o País. Temos que corrigir esses erros, e estou a falar de um problema que entendo ser muito sério e que este Governo tomará a braços.

Relativamente ao Sr. Deputado Hélder Costa, a questão que levantou dos três barcos que chegaram de Portugal há pouco tempo e o problema que está a causar relativamente ao emprego, na cidade de Neves, o Sr. Ministro da Agricultura falará com propriedade dessa questão, bem como da energia na Ribeira Funda. Eu partilho perfeitamente a sua preocupação, porque há outras comunidades que me dizem a mesma coisa. Quer dizer, como é que as pessoas vêem os cabos que transportam a energia para outras paragens e que passam em cima do distrito ou cima da localidade onde elas habitam e elas continuam na escuridão? É um problema que temos que procurar resolver e fez muito bem, na qualidade de Deputado do Distrito de Lembá, ter levantado esse problema. Como temos dito, os problemas são imensos e nós fizemos uma hierarquização desses problemas, mas há aqueles que são gritantes e temos que procurar, sobretudo do ponto de vista de justiça, tentar debelá-los.

Sr. Deputado Danilo Costa, parcialmente, respondi a sua questão, relativamente à Praia Gambôa e queria um esclarecimento sobre aquilo que entendemos serem casas sociais e chamou a nossa atenção para que as casas sociais não sejam para a classe média alta, mas seja sobretudo casa social para gente que vive em condições infra-humanas. Gostaria de dizer aos Srs. Deputados qual é a filosofia que subjaz a

essa nossa preocupação de construção de casas sociais, porque não é uma coisa nova, não estamos a inventar nada. A roda está inventada há muito tempo. Estamos a ver como dar corpo a uma questão que sucessivamente vem na ordem do dia e entretanto não conseguimos resolvê-la de forma satisfatória.

Penso que temos que olhar mais e com olhos de ver para os que nada têm. É que este país que nós fundamos em 1975 tem gente que vive à margem dos resultados que nós conseguimos atingir até hoje. Não tenhamos ilusões!

Nós percorremos este país e sabemos que há gente que vive em situação infra-humana. Então, pensamos que é chegado o momento de termos, relativamente a essas pessoas, uma outra forma de olhar e as casas sociais não são para ficarem aqui na cidade. São casas para as pessoas que mais delas careçam, no espírito mais elementar da justiça social. É o que nós vamos fazer.

Os critérios de distribuição, Sras. e Srs. Deputados, serão previamente definidos, para que elas não vão parar às mãos de pessoas que já tenham casa ou que já beneficiaram de casa.

Vamos procurar, e este é um esforço que o País deve fazer, acho que é um tributo mais elementar, aqueles que também lutaram pelo nosso país, pelo nosso desenvolvimento e que estão à margem da nossa sociedade. Portanto, esta é a concepção que preside a ideia de casas sociais.

Claro está que nós não pomos em causa, de maneira nenhuma, a necessidade de se alojar convenientemente os quadros da administração. É preciso termos um plano para que os servidores do Estado possam beneficiar de casas de renda resolúvel, para que a aquisição da habitação seja feita de forma correcta, com juros que sejam comportáveis através de um plano de fomento. Isso tem que ser devidamente equacionado, devidamente estudado e, sobretudo, velar para que as casas sociais que estão em construção e que o Governo se propõe concluir, possam parar às mãos de gente que dela mais necessita. É preciso haver justiça social na distribuição dessas casas, e é o que nós vamos fazer.

O Sr. Deputado Danilo falou das energias renováveis ou energias limpas. É o grande debate hoje nas cidades modernas, isto é, todo o problema que se coloca, a necessidade de se produzir energia, necessidade vital para o desenvolvimento do homem, sem que isso seja um fardo para a natureza. Portanto, trata-se da energia eólica, através do vento.

Alguns de nós que tenha a possibilidade de viajar e de sobrevoar alguns países, vemos muitas vezes aquelas hélices que são para energia eólica, produzida pelo vento. É preciso fazer-se estudos. Se calhar temos zonas aqui onde há vento, mas de uma forma global não me parece, contrariamente a Cabo Verde, que tenhamos vento em quantidade suficiente para que seja uma fonte energética para o nosso País. Mas há outras formas, por exemplo, nós temos muita água. Eu estou absolutamente de acordo com a intervenção que foi feita aqui. É por isso que digo que o nosso país precisa de estabilidade e não de agitação gratuita, para poder se concentrar em projectos que são estruturantes para o País.

Quanto à questão das barragens, houve vários estudos, lô Grande I, Abade II e por aí fora. Nós temos que transformar isso tudo em qualquer coisa. É preferível endividar o País para coisa séria e duradoura, que seja a base para o nosso desenvolvimento, do que estar eternamente numa dependência de outras fontes de energia, com custos terríveis e, sobretudo, em matéria ambiental. Temos que ter uma noção clara daquilo que pretendemos fazer e para onde queremos conduzir este país. É por isso que eu disse aos Srs. Deputados que fiquei perplexo quando ouvi falar de tantos projectos. Mas como é que está equacionado o problema de energia? Já desde os tempos remotos que as pessoas diziam que não há desenvolvimento sem se ter equacionado o problema energético. Metamo-nos de acordo, endividemos o País, sim, mas para um desenvolvimento sustentado.

Nós temos estado a «comer» por antecipação o dinheiro da Nigéria, dinheiro da exploração petrolífera da Zona conjunta. Temos estado a consumir, não investimos. Não consumamos, invistamos em capital, fazendo exactamente grandes opções, para que as gerações futuras possam dizer «sim senhor, valeu a penas, eles fizeram uma boa gestão dos recursos naturais, criando condições básicas para que o País tivesse um desenvolvimento sustentado».

Portanto, concordo em absoluto com a ideia de que devemos endividar o País, sim, prudentemente, mas com coisas que possam servir de alavanca e sustentação ao desenvolvimento do nosso país.

A Sra. Deputada Edite Salvaterra tem toda a razão, andamos sempre à volta da mesma coisa, quando no meio ambiente nós temos problemas gravíssimos. Há quem falou do abate indiscriminado de árvores e houve um Sr. Deputado que, na sessão anterior, na discussão na generalidade, tinha dito que nós deveríamos isentar a importação de madeiras, como forma de sustentar o abate indiscriminado de árvores, que tem causado danos incalculáveis ao nosso ecossistema e, por conseguinte, ao meio ambiente em São Tome é Príncipe. Não podemos ficar nas constatações! Não podemos continuar nas lamúrias! Temos que agir!

Tolos seríamos nós, passo à expressão, se proibíssemos as pessoas de cortar madeiras e não encontrássemos substituição para os problemas que as pessoas têm, como carvão, lenha e por aí fora. Nós temos que ter a capacidade de poder dizer às pessoas «não, nós não vamos cortar árvores, mas vamos permitir que vocês tenham meios alternativos para o problema da madeira».

Eu fiz esse contacto quando estive, recentemente, no Gabão. Vi o Ministro das Florestas e disse-lhe «temos um problema gravíssimo, e nós vamos enveredar pelo caminho da importação da madeira e ao mesmo tempo vamos fazer a reflorestação». É preciso reflorestar o País, é preciso ter políticas equilibradas

no sentido de se poder voltar a fazer com que Lobata tenha um ambiente saudável, que seja verde. Aquilo que se fez em Lobata é um crime, aquilo que eu chamo um ecocídio. Temos que tomar isso muito a sério. Acho que teremos que assentar a nossa política sobre medidas que permitirão às gerações futuras não sofrer pela nossa incapacidade de tomar medidas.

Lembro-me, em 1977, que eu ia pela zona de Almas e queixei-me do intenso calor e um mais velho disse-me: «*inén sun sá cu calólô, calólô, inén sun cá bi ndá unu nai! Mô inén sun sêbê passá, inén sun tomá dependença ni ziago, inén sun sá cu calólô, calólô scá bi!*» Respeito a opinião das pessoas sobre as considerações, são as nossas crenças, isso faz parte da nossa cultura, mas eu digo que nós não estamos a fazer o necessário para que possamos diminuir o efeito de estufa que sentimos aqui. Bom, há coisas que não dependem de nós. Há emissão de gases que é feita pelos países industrializados e que nós sofremos as consequências. Se os Srs. Deputados repararem, a maior parte das verbas que advêm da cooperação multilateral são verbas consignadas aos problemas ambientais. A maior parte de ajudas que nós temos, se repararem no nosso Orçamento, são verbas muito importantes para questões ambientais e temos que as utilizar convenientemente, porque hoje é um problema muito sério. Portanto, vamos efectivamente trabalhar no sentido de passar à acção na conservação do nosso meio ambiente.

É verdade essa questão que foi levantada aqui pelo Sr. Deputado Guilherme Octaviano, sobre a necessidade de harmonização das formações e capacitações. Eu também constatei isso. Há matérias que são transversais e para evitar que haja duplicação e/ou desperdícios de meios, vamos agarrar nessas anotações que foram feitas e tentar procurar uma maior harmonização dos sectores que são transversais, mormente a questão da juventude, a formação. Formação é capital. Volto a dizer, fiquei estupefacto quando soube que havia um plano para o desenvolvimento de São Tomé Príncipe e que a nível da formação não se tinha começado a fazer nada. Ninguém vai a lado nenhum neste país se não der atenção à questão da formação, à questão da capacitação, o homem no centro das coisas. Portanto, se não houver capacitação, se não houver formação, não vamos a lado nenhum! Isso tem a ver com as tais incubadoras de empresas. A ideia de incubadoras de empresas é que, um, queremos tirar as pessoas, digamos, das ruas. Toda gente não pode vender tudo. Sabemos que as pessoas têm necessidades de levar um pão para as suas casas e fazem aquilo que podem para sobreviver. Então, é nosso dever e nossa obrigação encontrar meios para ensinar as pessoas e empreender, a fazer coisas que podem contribuir para o sustento da sua família e ao mesmo tempo para o desenvolvimento do País, para que a economia possa funcionar. É este o objectivo das incubadoras. A questão da capacitação das mulheres *palaiês* é um pouco isso. A capacitação das mulheres *palaiês* não pode ter outros desígnios senão levar essa força produtiva importante no nosso país, que são chefes de família, – lembro-me do Projecto PADRHU – a ter um trabalho, a organizarem-se para tirarem melhor rendimento da venda de peixes, da venda de bananas ou de outros produtos. É preciso ensinar as pessoas, transferir para as pessoas a capacidade para organizar o seu pequeno negócio, como forma de criar riqueza. Esta é a ideia de capacitação das *palaiês* que vem aludida nas Grandes Opções do Plano para 2013.

Relativamente à preocupação levantada pelo Sr. Deputado Delfim Neves sobre a transformação do lixo em biocarvão, esse projecto é financiado com recursos, digamos, os nossos parceiros de desenvolvimento em matéria ambiental para permitir, por um lado, resolvermos o problema do lixo, os resíduos sólidos, e hoje vemos a quantidade de plásticos – olhem só para esta sala, a quantidade de garrafas de água que estamos a consumir –, tudo isso vai para a natureza e levam anos para se degradarem. E se nós multiplicarmos isso, vamos ver como está o nosso país, que é tão pequeno. Nós temos muito, mas muito mesmo, muitos casos como esse. Portanto, é necessário que tenhamos a capacidade de poder tratar esses lixos e transformá-los, porque são transformáveis, em biocarvão, para utilizarmos como combustível. Isso pode ser uma forma até de aliviar a carga que há sobre a floresta, em termos da utilização da lenha e por aí fora.

Esses aspectos todos brigam com o nosso desenvolvimento e nós temos a necessidade de equacioná-los devidamente, se quisermos lograr êxitos e ter um desenvolvimento sustentado.

Quero dizer aos Sr. Deputados que para energia durável de todos, temos neste Orçamento cerca de 12 mil milhões de dobras, energia durável e gestão durável, temos cerca de 10 mil milhões e ao nível do projecto de adaptação em meio rural, cerca de 10 mil milhões de dobras e isso vem na página 5 do PIP.

O Sr. Deputado Albertino Bragança tinha levantado o problema do desenvolvimento rural e explicou, e muito bem, que o êxodo rural que o País conheceu na década de 80, com a falência das empresas agrícolas, teve como consequência a vinda de pessoas para aquilo que eu chamo a ilusão da cidade, em busca de melhores condições de vida. Há uma música que tipifica muito bem isso, do compositor Jalé, «Ilusão da Cidade». Hoje estamos apinhados nessa pequena capital com uma pressão tremenda, uma capital que foi feita, na altura, para aí 20 a 30 000 pessoas e hoje está com duas a três vezes mais. É por isso que, quando chove, assistimos a esse espectáculo burlesco, ou andamos de «botim», como se costuma a dizer, botas de borrachas, e já me aconteceu não poder sair do meu escritório, quando eu era advogado, quando chovesse torrencialmente. Era impossível! Tudo entupido. Nós vemos como é que estão as ruas da nossa cidade capital.

Quero dizer ao Sr. Deputado Dionísio, mais conhecido por DFL, que falou sobre a questão da estrada de Aeroporto à cidade capital. Nós equacionámos essa questão e os buracos vão ser tapados. Desde que chegamos, vimos que havia degradação, aliás é uma questão que se arrasta já algum tempo e está a

gravar-se. A nossa preocupação não é só constatar ou dizer que não fomos nós. Se estamos e se assumimos, temos que resolver aquilo que for possível. Só estamos à espera que chegue o betão betuminoso que se adapta a essa situação para podermos reparar todo esse troço que vem desde de Aeroporto até a cidade capital, porque isto é uma coisa, como diz, que logo à partida choca as pessoas que nos visitam, portanto é necessário que se proceda à reparação que esse troço carece. Mas há outro problema que é a própria requalificação da nossa marginal. Nós estamos com uma erosão costeira a uma velocidade tremenda. Estou de acordo com a Deputada Ângela, quando diz que é preciso responsabilizarmos os nossos técnicos, porque é muito bonito e é fácil, quando se governa, que as pessoas nos digam: «ah, são os governantes». E os cidadãos? Não têm responsabilidades? Claro que tem que ter! O cidadão não alienou o seu direito de cidadania entre as mãos dos governantes. O cidadão tem que exigir dos governantes, mas o próprio cidadão tem que assumir a sua própria cidadania. Quando vou às praias, vejo que as pessoas estão a cortar todos os tamarindeiros que estão nas orlas marítimas, para fazerem carvão. Os meus adversários vão logo dizer as essas pessoas que Gabriel Costa não gosta sobretudo povo pequeno, porque está a falar de uma coisa que serve para poder ajudar o povo pequeno». Eu diria, demagogia pura e é por isso é que estamos assim. Temos que dizer às pessoas que temos que arranjar alternativas, mas não podemos prejudicar toda uma colectividade, porque quando cortamos os tamarindeiros na orla marítima, estamos a permitir que haja a erosão costeira, que ela avance com maior força. Fazer política com isso é uma coisa má. Todos nós temos que falar a mesma voz e dizer às pessoas que não se pode cortar os tamarindeiros que protegem a orla marítima.

Se repararem, mesmo em frente aos Correios, já houve queda de uma parte dessa árvore «gigante» e a água está a penetrar. Tem havido um aumento do nível da água do mar por causa do aquecimento da terra e toda a gente sabe disso. Mas curiosamente, nós assistimos a determinadas coisas que eu pessoalmente não compreendo. Não sou engenheiro, mas assim a quente ocorre-me a ideia de que cada um está a fazer aquilo que muito bem lhe apetece. Não há estudo do impacto ambiental sobre algumas obras que são feitas com indícios de alguma previsibilidade para toda a colectividade. Eu digo que essa questão ambiental é uma questão que temos que ter em conta, não podemos estar a dar autorização à-toa. Temos que fazer coisas que permitas que haja um equilíbrio, que as normas sejam respeitadas e que o ambiente seja efectivamente salvaguardado.

Srs. Deputados, creio ter dado resposta às questões prementes que foram colocadas aqui e pediria a indulgência do Sr. Presidente para precisar uma questão que ontem ficou por precisar, que tem a ver com o Ministério dos Negócios Estrangeiros, relativamente à electrificação que está prevista no orçamento. Não é só a electrificação, mas a verba superior a 300 000 euros é destinada à conclusão e a electrificação do edifício. Fica assim dada a explicação sobre esta questão.

Relativamente à dívida da EMAE para com a ENCO, quero dizer aos Srs. Deputados que ela é actualmente de 27 mil milhões de dobras e que a dívida do Estado para com a ENCO é superior a 500 mil milhões de dobras. É uma dívida bastante alta e que temos que encontrar meios para poder pagá-la.

O Sr. **Presidente**: — Sr. Primeiro-Ministro, vamos dar palavra aos Srs. Ministros para fazerem as devidas precisões e esclarecimentos. Porém, Sr. Primeiro-Ministro, alguns Srs. Deputados e Deputadas, nas suas intervenções, haviam proposto algumas coisas em concreto e o Sr. Primeiro-Ministro, na sua intervenção, anunciou-nos que o Governo irá rever algumas dotações.

Sr. Primeiro-Ministro, gostaria que, no término dessa sessão de hoje, pudéssemos conhecer as propostas revistas, de forma que a comissão responsável pela elaboração final do Orçamento e das Grandes Opções do Plano pudesse ter em conta, porque no final teremos que adoptá-las. Obedecendo a ordem dos assuntos, com a sua permissão, convidaria o Sr. Ministro de Obras Públicas para fazer a sua intervenção. Entretanto, gostaria de precisar o tempo restante: o Governo depõe, neste momento, de 50 minutos, o Grupo Parlamentar do ADI tem os seus 94 minutos intactos, o MLSTP/PSD tem 46 minutos, o PCD tem 1 minuto e 23 segundos e o Deputados do MDFM/PL tem 9 minutos.

O Sr. **Ministros de Obras Públicas, Infra-estruturas, Recursos Naturais e Meio Ambiente** (Osvaldo Abreu): — Sr. Presidente, aproveito para o saudar, saudar esta magma Assembleia e também ajuntar a minha voz para expressar condolências ao Deputado que teve a infeliz notícia esta manhã.

Com a permissão do Sr. Primeiro-Ministro, passaria a abordar algumas questões que foram colocadas pelos diferentes Srs. Deputados.

Começaria pelo Sr. Deputado Alindo Barbosa, que fez referência à situação da extensão, uma expressão que dizia «extensão de rede de distribuição de energia eléctrica a cidades e vilas». Eu gostaria de mencionar alguns aspectos que estão no Orçamento Geral do Estado que faz referência a essa expressão que vem nas GOP. Poderemos por exemplo referir a rede de baixa e média tensão de Santo a Amaro à central de São Tomé». Também temos «transferências para a EMAE, para o seu funcionamento», entre eles dar atenção aos diferentes pedidos que vêm de diferentes localidades, para a questão de energia e não só.

Temos a questão da «electrificação de Água Izé e Uba Budo, em cerca de 800 milhões», temos «rede eléctrica de Cassuma» e vários outros projectos da EMAE que nós durante as nossas relações normais de



gestão da EMAE vamos programando e autorizando. Esta expressão faz referência a todos esses projectos e outros que são projectos quase que normais de funcionamento na rede de água e electricidade.

O Sr. Deputado fez referência, e já foi aqui também esclarecida, à situação da estrada entre a Estrada N.º 1 e o portão do Agostinho Neto, que já foi esclarecida por outro Deputado, portanto, é cerca de 1 km. Perguntou também que tipo de intervenção está previsto para a Estrada N.º 1 como tal. Nós temos aqui uma intervenção em termos de manutenção do pavimento, que significa a tapagem dos buracos. A proposta orçamental é de 1,8 mil milhões de dobras, sabemos que é um valor diminuto, tendo a conta a gravidade da deterioração dessa infra-estrutura. Contudo, tal como o Estado deu início, há alguns anos, à reposição dos pavimentos com betão betuminoso, na Estrada N.º 2 e mais recentemente na Estrada N.º 3, neste momento, é a preocupação do Governo encontrar o financiamento para dois trechos fundamentais: o primeiro tem a ver com a Estrada N.º 1, desde a Cidade Capital até Neves, e a rede da Cidade Capital. Nós estamos a assistir a um espectáculo menos bom, relativamente aos buracos que são cada vez maiores na cidade capital, alguns amigos já me acusam de ser responsável pela danificação dos amortecedores das suas viaturas, tenho tomado boa nota. Para dizer que os materiais de que dependíamos para dar início a esta obra já chegaram ao país. Estamos convencidos que, durante a próxima semana, se não chover, daremos início à tapagem dos buracos das principais vias da cidade capital, como vínhamos prometendo.

Quanto à intervenção do Sr. Dionísio Fernandes, falou do aspecto a rede da estrada do Aeroporto ao Hotel Pestana, é esta resposta que gostaria de brindar, considerando que a informações que temos é que os materiais já chegaram.

Sobre hidrocarboneto, colocou várias questões: se há petróleo, se é rentável e para quando a sua produção. Mais adiante fez uma outra questão que considero mais importante, dizendo que não devemos criar expectativas na população. Portanto, a pergunta que fez é de expectativa. A nossa grande falha na gestão desse projecto desde que iniciou em 1997 tem justamente a ver com a gestão de expectativas. Qualquer resposta que eu lhe der agora, estarei a criar expectativas. Nós já falamos disto aqui, já colocamos algumas balizas, eu repito, nesse projecto as datas são inimigas do sucesso. Estamos a falar da Geologia, onde a incerteza é muito grande.

Havia explicado que a Empresa Total, que nesse momento é operadora do bloco n.º 1, pediu aos Estados de São Tomé e Príncipe e Nigéria algum tempo para reavaliar os furos já feitos em adição aos furos que haviam sido feitos pela Chevron Texaco. Neste momento, ela está no uso do tempo que nos solicitou. Nós devemos esperar que ela termine ao longo deste ano para que nos forneça mais informações e a partir de então temos alguma referência em termos de tempo de quando é que poderemos passar para a fase de exploração, eventualmente. Mas como disse, não gostaria de vir aqui dizer que há petróleo, que vamos começar a produção e continuar a gerar expectativas na nossa população, fazendo nesse caso bom uso do conselho que deixou, quando fez a sua explanação.

O que podemos responder é que há petróleo, foi descoberto e existe com todas as características químicas e físicas, na Zona Conjunta. Os dados sísmicos apontam para a existência de localidades passíveis de acumulação de hidrocarboneto na Zona Exclusiva. A nossa Geologia, tendo em conta o historial, tendo em conta as proximidades dos países como Nigéria, Camarões, Guiné Equatorial, Gabão e Angola, nos indicam que poderemos ter acumulação de petróleo passível de ser produzido. Mas enquanto não chegarmos lá, temos que saber gerir toda essa situação.

Referiu-se a outra questão muito importante, quando disse que devemos diminuir as verbas consignadas para essas actividades, tendo em conta que não há produção. Não é uma questão de concordar ou não, eu diria que nós precisamos investir na pesquisa. Em todos os países que hoje têm petróleo o sucesso veio da pesquisa. Se não pesquisarmos, se não investimos nos quadros e nas tecnologias, nunca encontraremos esse petróleo. Mesmo tendo os melhores operadores, muito vai depender de nós as decisões. Para nós decidirmos neste assunto e não só, precisamos de formar pessoas, continuar a formar pessoas, investir nos equipamentos, para estarmos em melhor posição de tomar certas decisões. Isso de muitos de nós pretendermos diminuir o investimento, porque não temos petróleo, pode ser contraditório e perigoso.

O Sr. Deputado Delfim Neves fez-me várias recomendações, pelas quais lhe agradeço, tendo em conta o seu conhecimento relativamente ao País e não só, até porque foi titular do cargo que, neste momento, eu desempenho como Ministro.

Em relação a casas sociais, eu aproveitaria para fazer referência aos comentários do Sr. Deputado Danilo, quando também perguntou que tipo de casa, que localização, critérios. Juntando essas duas intervenções, gostaria de informar que o nosso Ministério, fazendo uso das suas instituições, nomeadamente a Direcção de Obras Públicas, Direcção dos Serviços Geográficos e Cadastrais, Empresa de Água e Electricidade, Instituto Nacional de Estradas, Instituto de Habitação e Imobiliária e o Laboratório de Engenharia Civil, tivemos um encontro alargado, a primeira intervenção sobre esta problemática. Porque não vamos construir casas isoladas, vamos inseri-las em bairros e, para isso, tem que haver uma série de estudos, infra-estruturas preparadas para que elas sejam inseridas devidamente e evitar casos que nós já conhecemos. Assim sendo, foram criadas subcomissões com diferentes instituições e outras serão convidadas no seu devido tempo, para em primeiro lugar identificar espaços, respondendo à questão de «que localização». Os espaços seriam identificados em dependência da disponibilidade como tal, em dependência da afluência populacional, em dependência também das reais possibilidades de acesso e

outras infra-estruturas que são necessárias. Este trabalho já começou a se fazer e a partir dali haverá uma série de intervenções que nos levarão a respostas concretas, relativamente a que tipos de casas. Mas poderei responder antecipadamente que não se pretende construir na horizontal. É sobejamente conhecido que a exiguidade do nosso território nacional nos exige uma mudança total da forma de construir as habitações para dar respostas às necessidades das populações. Assim sendo, a nossa pretensão em termos de construção de casas para a população, tanto elas sociais como não, é fazê-las em forma vertical. No mínimo, lá nos lugares mais rurais, vamos fazer de dois pisos, em casas geminadas, com uma capacidade mínima de quatro apartamentos num só lugar. Portanto, esta é uma das estruturas, mas também se coloca várias outras questões, como quantos metros quadrados e por quanto, tendo em conta a real capacidade financeira das pessoas, jovens e não só. Há uma série de situações que só vamos poder responder quando tivermos em mão uma série de inquéritos e estudos que iniciaram neste momento, através desses subgrupos que estamos a criar.

Na sua intervenção, o Sr. Deputado Delfim Neves fez referência também a formas de pagamento, como vamos lidar com isso. Naturalmente essa intervenção é pertinente, porque não pretendemos criar bancos em lugares que não têm a vocação para tal e os resultados estão à vista, a experiência não é boa, portanto, daremos esse tipo de actividades a instituições que estão vocacionadas para tal. Ou seja, quando chegar o momento, as instituições serão chamadas para terem intervenções, de acordo com a sua vocação. Mas há outra situação importante que devemos também levar ao conhecimento dos Srs. Deputados e das populações, temos recebidos muitos pedidos de industriais, construtores, até de bancos que querem construir casas. Como responder isso? Das nossas primeiras conversas internamente no Ministério, nós estamos a adoptar como um dos critérios abrir espaços e convidar, no seu momento próprio, com critérios próprios, aquelas empresas a fazerem uso de terras do Estado, através de um contrato de investimento e de parceria público-privada, mas a nossa parceria não vai ser muito complicada. Se atribuirmos um espaço a uma instituição para construir aquilo que ela pretende construir, ela deve, numa percentagem a ser negociada, construir aquilo que pretendemos construir. Ou seja, se ela quiser construir três *pem house*, ela fará também três prédios sociais para que, no âmbito dos critérios que estabelecermos para distribuir casas às populações, elas tenham acessos. Naturalmente, há uma série de situações que neste momento estão a ser analisadas e achamos que estaremos em condições de dar respostas, com um nível de profissionalismo e sucesso bastante grande, quanto a este aspecto de casas sociais, assim como a forma de fazer com que os beneficiários honrem os seus compromissos.

Quanto às questões do passado, estivemos no Instituto de Habitação e fomos amplamente informados sobre aquilo que está a acontecer, sobre os incumprimentos e sobre a proposta que existe para pôr cobro a estas situações. Existe uma proposta, neste momento está a ser analisada pelo sector jurídico, económico e financeiro do País e quando ela estiver concluída passaremos à acção. Tal como já foi referido aqui várias vezes, quem tomou as casas tem que pagar, principalmente aqueles que sabemos que tem como pagar.

O Sr. Deputado Delfim Neves fez referência a questões energéticas e aos grandes investimentos, que já foi respondido pelo Sr. Primeiro-Ministro, e também à questão de abastecimento de água. Aproveitaria também nesta intervenção para dar resposta a uma das questões levantadas pelo Sr. Deputado Guilherme Octaviano, quando disse que existe rubricas para abastecimentos de água às populações em todos os distritos excepto Mé-Zóchi e Lobata. Eu vou ler só algumas das localidades, onde estão os dois maiores projectos em curso, nomeadamente projecto do Rio Manuel Jorge/Obolongo e o Projecto do Rio D' Ouro. Para Mé- Zóchi vai beneficiar as localidades de Trindade, Folha Fede, Cruzeiro, Obolongo, Pau Sabão, Lemos, Caixão Grande, Almas, Sã Fenícia e algumas outras.

Para o projecto do Rio D' Ouro teremos como beneficiários, Manhaço, Aeroporto, Santo Amaro, Bom Retiro, Queluz, Boa Entrada, Desejada, Cruz Grande, Mouro Peixe, as praias Gamboa, Cruz e Loxinga, localidades de Guadalupe e reforço a outro projecto que já existia para as praias.

Relativamente às praias, temos dois projectos neste momento, um que é do Rio D' Ouro financiado por Taiwan e um outro financiado pelos Estados Unidos, que já iniciou, também para beneficiar, em termos de abastecimento de água, as localidades das praias Gamboa, Cruz e Loxinga.

Quanto à situação das dívidas, já foi perfeitamente respondida pelo Sr. Ministro, assim como as actividades ambientais de transformação de lixos em biocarvão. O Sr. Primeiro-Ministro fez uma abordagem bastante ampla e detalhada sobre a questão ambiental e degradação do meio ambiente, portanto, permitam-me não voltar a detalhar esses mesmos assuntos.

*Murmúrios devido ao toque de telemóveis.*

O Sr. **Presidente:** — Srs. Deputados, face a esta situação, convido todos a tirarem os sons dos telemóveis, por favor.

Desculpe-me Sr. Ministro, continue por favor.

O Sr. **Ministros de Obras Públicas, Infra-estruturas, Recursos Naturais e Meio Ambiente:** — Sr. Presidente, fazendo menção a uma situação abordada pelo Sr. Deputado Guilherme Octaviano, sobre estudos e energias alternativas, quando fez referência à melhoria das condições de vida, «que que tipo»,

portanto, todo o nosso esforço nos leva à melhoria das condições de vida das populações, tendo em conta as abordagens de melhoramento das infra-estruturas. Estamos a falar de infra-estruturas rodoviárias, casas, energias e água, melhoria das condições ambientais, portanto, todas essas intervenções fazem com que tenhamos como objectivo principal a melhoria das condições de vida das nossas populações.

Quanto aos estudos alternativos, sim, existem alguns, outros estão em curso, foram mencionados pelo Sr. Primeiro-Ministro e devemos também considerar como alternativa a energia térmica, que também foi referida. As nossas capacidades hídricas são bem conhecidas e grandes, pelo menos para as nossas necessidades actuais e as nossas capacidades actuais de transformar esta potência hídrica em electricidade é quase nula. Nós hoje só temos cerca de dois *mega watts (MWh)* de energia produzida no Rio Contador, uma infra-estrutura antiga, que data da era colonial, e não fomos capazes até agora de brindar os nossos consumidores com um único projecto de sucesso como tal em termos de produção hidroeléctrica. É uma preocupação grande, existem acordos assinados, existem intenções e propostas, mas algumas delas, só ao tomar contactos, quando alguns dos nossos propostos investidores vêm ter connosco, vemos que, desculpem-me por dizer isso, é menos que vender sonhos. Aqui falou-se muito de vendedores de sonhos. Alguns desses projectos nem isso é. Portanto, são indivíduos que vêm aqui aproveitar das nossas fragilidades e não só, aproveitar da esperteza de alguns dos nossos cidadãos, para terem acesso aos documentos e para tirarem proveitos, sem nenhuma intenção de cumprir o que está escrito no papel. Há histórias disso e os ditos investidores continuam a chegar. Nós estamos a analisar várias propostas nesse sentido, lamentavelmente, tendo em conta tanto falhanço, neste momento estamos a tomar mais precauções para avançarmos, mas estamos esperançados, pelo menos algumas respostas que recebemos, pelo menos o historial já averiguado dos proponentes, poderemos avançar muito brevemente para alguns projectos de sucesso na produção hídrica. No seu devido momento, esta magna Assembleia será informada.

Aproveitaria esta ocasião, falando da alternativa de energia, para fazer uma chamada de atenção relativamente à nossa capacidade e incapacidade de lidar com aquilo que temos. Estou a falar da central de São Tomé, com uma capacidade instalada de nove *MWh* que hoje não produz dois *MWh*, com grupos de geradores ABC, *Doutch* e *Caterpillar* que necessitam de manutenção periódica e quase permanentemente é violado o seu período de manutenção por vontades políticas, para não parar, justificáveis ou não, porque se pararmos haverá cortes, como tem havido agora, mas pior do que isto é que temos os grupos de ABC que são de 1996, *Doutch* 2001, e são grupos cujo tempo de vida rondam os 15 anos. Quer dizer que mesmo fazendo a manutenção não são fiáveis e essa manutenção nos custa, quando ela é feita, mais de 1 milhão de euros. Todo esse tempo não fomos capazes de produzir um único engenheiro são-tomense com capacidade para fazer a intervenção nesses grupos e preferimos trazer pessoas de fora para dar manutenção às máquinas. É uma chamada de atenção para que desse 1 milhão de dólares que vamos usar agora para fazer essas intervenções, que nos próximos tempos possamos inverter uma parte e mandar quadros para fora, às instituições de *Doutch* e *Caterpillar*, para que, dentro de 1 ou 2 anos possamos ter, com certeza, indivíduos nacionais capacitados para fazer essas intervenções.

A Sra. Deputada Edite Salvaterra fez uma intervenção, fazendo referência à qualidade do ambiente e à necessidade de nós darmos resposta ao défice que temos de casas de banho. É um processo que vem sendo feito por vários governos, construção de latrinas e não só. Ao mesmo tempo, é um processo que passa também pela educação das nossas populações, sensibilização, tendo em conta o hábito histórico de algumas localidades que sabemos que foram beneficiadas por latinas e depois converteram-nas em outras coisas. A sensibilização é importante neste aspecto.

Água potável para Belém. Temos informações e alguns relatórios sobre a qualidade da água que corre nos chafarizes e vamos proceder a uma auditoria técnica sobre esta situação e posteriormente encontraremos soluções alternativas, porque não podemos abastecer as populações com a água, quando sabemos que ela não tem a qualidade mínima suficiente para o uso que deve ser dado.

Sobre a drenagem mencionada pelo Sr. Deputado Danilo, o Sr. Primeiro-Ministro já fez referência, na verba ora orçamentada não está incluída, mas tomamos boa nota e vamos pedir às instituições nossas para que façam o devido levantamento e propor investimento naquela região, que todos concordamos que é importante.

Temos algumas propostas que foram respondidas pelo Sr. Primeiro-Ministro, uma levantada pelo Sr. Deputado Hélder Costa, sobre Ribeira Funda, está também anotada e pelo Sr. Deputado Albertino Bragança, quando fez referência à Água Crioula, pelo menos chafariz e a estrada.

Quanto ao projecto de saneamento para as praias, tem a ver com o tratamento de resíduos pela Direcção Geral do Ambiente e não só, faz parte de um grande projecto nacional em que as praias também foram contempladas.

Quanto à questão da fiscalização que foi abordada pela Sra. Deputada Ângela Viegas, devo dizer que a minha maior dor de cabeça no Ministério é este aspecto. É facilmente constatável que a qualidade das obras que temos é proporcional à nossa capacidade de fiscalizar e não tem a ver com a capacidade, mas sim com a vontade dos quadros. Nós não fiscalizamos, porque não queremos, não desejamos e pretendemos prejudicar o colectivo, em benefício de outras coisas.

*Aplausos.*

É grave, é triste, porque muitas obras que temos no nosso país que não respondem hoje aos objectivos pelas quais foram desenhadas, os culpados não são os construtores, aproveitam-se, naturalmente tem a sua cota parte de responsabilidade, mas os nossos serviços de fiscalização, internos e externos, têm falhado em grande medida. Acho que é uma situação nacional que deve, em quadro próprio, ser abordada para que decisões sejam tomadas, porque é urgente, como bem disse, temos uma carteira cheia de projectos e esses projectos não servirão à sociedade são-tomense, se os técnicos não estiverem engajados. Disse e bem, há conflitos de interesse, conflitos diversos, a nossa pequinês e por aí fora.

A recomendação sobre a casa Bachá foi bem atendida, faz todo sentido e procederemos nesse âmbito, para fazer as modificações recomendadas.

Sobre a situação do plano director de energia e custo financiado pelo Banco Árabe de Desenvolvimento Africano (BADA), procederei naturalmente ao pedido de mais informações à Direcção Geral de Recursos Naturais e Energia e posteriormente darei informações adicionais a esta augusta Assembleia.

Recebi algumas mensagens, alguma delas fazia menção ao projecto que está no OGE sobre a reabilitação e extensão do sistema de abastecimento de água em Santana e arredores, cujo valor orçamentado não corresponde ao valor da obra. Naturalmente, orçamentamos o valor para dar início à obra, nesta fase, e talvez tal como recomendou o Deputado Delfim Neves, deveremos colocar «primeira fase» e fazê-lo também em relação a outros projectos que temos aqui.

Igualmente a electrificação das ex-dependências de Água Izé, Mato Cana e Anselmo Andrade já faz parte das nossas preocupações e daremos os passos necessários com a EMAE para que esta situação seja reposta.

Gostaria também de recordar a esta magna Assembleia a necessidade já aqui dita de darmos alguma atenção à drenagem na cidade capital, tendo em conta aquilo que já foi defendido pelo Sr. Primeiro-Ministro, quando chove algumas zonas já identificadas ficam praticamente impenetráveis e precisamos dar atenção, a situação da substituição dos tubos da EMAE na EN3 e também a requalificação da zona costeira, com particular atenção à nossa marginal.

O Sr. **Presidente**: — Sr. Ministro de Obras Públicas, por favor, há um pedido de esclarecimento adicional.

Tem a palavra o Sr. Deputado Delfim Neves.

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Sr. Ministro, quando eu intervim, esqueci-me de uma questão que é preocupante e aliás acho que o próprio Governo já falou sobre a questão que tem a ver com a continuada degradação do mercado de Côco-côco. Eu não vi no Orçamento absolutamente nada sobre esta questão e gostaria de saber como é que o Governo está a equacionar a resolução desse problema.

O Sr. **Ministro de Obras Públicas, Infra-estruturas, Recursos Naturais e Meio Ambiente**: — Sr. Presidente, Sr. Deputado, sobre essa situação, neste momento, estão em andamento as actividades de uma comissão do Governo e da Câmara Distrital, composta por instituições como Obras Públicas, o Laboratório e vereadores da Câmara Distrital de Água Grande, para análise e proposta de alteração a esta situação. Nós tivemos duas equipas no terreno que fizeram um levantamento da situação existente e temos relatórios com recomendações bastantes precisas. Neste momento, essa intervenção é simplesmente para dar uma solução, a curto prazo, àquilo que constitui perigo eminente, alto risco, que é a presença e permanência de utentes na parte superior do mercado, assim como na parte interior, na zona onde tem havido frequentemente a queda de pedaços de betão. Devido a sensibilidade da situação, tendo em conta que joga com a mobilidade de pessoas e o aproveitamento de que as pessoas são vítimas, quando isso acontece, é por isso que esta situação está a ser vista de forma relativamente mais lenta daquilo que pretendíamos que fosse.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Yurgue-Anatali.

O Sr. **Yurgue-Anatali** (PCD): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, Sras. E Srs. Deputados: Sr. Ministro de Obras Públicas, em Portalegre, mais concretamente em Cleclé, e em Malanza foram construídas casas sociais e gostaria de perguntar se essas casas foram construídas para ser hotel do sector de Estado ou para a população desta mesma localidade.

O Sr. **Presidente**: — Srs. Deputados, vamos continuar a ouvir os Srs. Ministros, porém, Sr. Primeiro-Ministro, temos a necessidade de o Governo ser mais concreto nalgumas questões, nomeadamente aquelas que implicam alterações de números. Sei que o Governo poderá estar com a sua equipa a trabalhar nisso. Temos duas soluções: ou chegaremos ao fim da sessão de hoje e teremos as propostas dessas alterações, estou-me a referir à proposta da Sra. Deputada Ângela Viegas, que foi correctamente acolhida por vós, referente à questão da casa Bachá. O Sr. Ministro de Obras Públicas, ao a terminar a sua

intervenção, fez também referência à questão do Plano Director de Energia, à drenagem da cidade capital e à questão dos tubos da EMAE na Estrada nº3, que foi aflorada ainda aquando do debate na generalidade. Nós precisamos dessas propostas, porque o Orçamento, depois de ser aprovado nesta Casa, deverá ser executado com os valores aprovados aqui. Neste sentido, temos estas duas alternativas: ou chegando ao fim desta sessão de hoje o Governo já terá as propostas e submeter-nos-á para aprovação, ou então, na sessão de amanhã, antes de iniciarmos a discussão da área social, o Governo submeter-nos-á essas propostas.

Sr. Primeiro-Ministro, com a sua permissão, dou a palavra ao Sr. Ministro da Agricultura, a não ser que o Sr. Primeiro-Ministro queira clarificar algumas questões que eu levantei.

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Sr. Presidente, é apenas para precisar, relativamente às propostas alternativas que apresentou, que acho judicioso talvez apresentarmos amanhã, para nos dar tempo para fazer a reafecção das verbas.

O Sr. **Presidente**: — Gostaria de recordar, quanto ao tempo, que o PCD dispõe de 9 segundos, o MLSTP/PSD, 46 minutos e 1 segundo, o Governo, 12 minutos, o Deputado do MDFM/PL, 9 minutos, e o ADI conserva o seu tempo intacto, 94 minutos.

Tem a palavra o Sr. Ministro da Agricultura, Pesca e Desenvolvimento Rural.

O Sr. **Ministro de Agricultura, Pesca e Desenvolvimento Rural** (António Dias): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, Srs. Deputados e Caros Colegas Ministros: Venho cá para responder a algumas questões que foram levantadas pelos ilustres Deputados. Muitas dessas questões já foram respondidas por Sua Excelência o Sr. Primeiro-Ministro e restam algumas delas levantadas pelo ilustre Deputado Guilherme Octaviano, que demonstra ter grande sensibilidade no âmbito da agricultura e pecuária.

No que concerne à pecuária, é só uma questão de terminologia, porque quando se vê «promover a pecuária empresarial» é, como quem diz, a promoção do empresariado nacional no âmbito da pecuária. Fizemos questão de sublinhar isso porque este Governo pretende dar uma outra atenção aos médios empresários, porque ao nível do País, normalmente, basta fazer algum investimento na bovinicultura, ou melhor, basta ter duas ou três cabeças de boi para se ser rotulado como médio empresário. Por essa razão, o Governo quer estabelecer uma parceria muito estreita com os pequenos e médios empresários.

Quando fomos empossados, tivemos informações de que mais ou menos uma quinzena de médios empresários que investem no sector pecuário estavam de costas voltadas com a Direcção de Pecuária. Porquê? Porque assistimos a uma grande letargia do sector pecuário nacional e, por essa razão, logo na primeira quinzena, fizemos questão de ter uma reunião com todos os empresários que investem no ramo pecuário de forma que possamos inaugurar uma nova era, e o senhor empresário esteve presente.

*Risos gerais.*

Desde já quero agradecer-lhe também pela presença.

No que concerne à pesca, falou da questão que se prende com estudos. Nós também já temos volta de 12 estudos no sector da Pesca que foram desenvolvidos pela Autoridade Conjunta e esses estudos apontam e fornecem-nos dados para que possamos reflectir. Esses estudos ilustram o fluxo migratório das nossas espécies piscatórias, têm estados a distanciar-se da zona de alcance dos nossos pescadores. Por essa razão, temos estados a investir, envidar esforços com vista à melhoria das embarcações dos nossos pequenos pescadores, de forma que possam manter ou aumentar a captura e também pensamos em desenvolver a pesca semi-industrial, porque constatamos que os recursos pesqueiros têm sido escassos. Estamos a apostar também na pesca semi-industrial. Podemos estar em melhores condições para abastecer o mercado interno, quiçá fazer exportação.

No que concerne a florestas, a Direcção das Florestas tem uma parceria com as Forças Armadas, a Polícia Nacional e constatamos que há muita promiscuidade, mas esse acordo não tem estado a funcionar na prática e é por isso que vamos encontrar-nos com essas instituições todas e poder injectar novo oxigénio a esse acordo.

Nós também pudemos alojar alguma verba para que possamos comprimir a onda de utilização indiscriminada de recursos florestais ao nível do País e sobretudo na zona protegida. Eu acho que não podemos permitir que os cidadãos invadam as áreas protegidas e comecem já a fazer a utilização irracional desses recursos. Vamos acionar mecanismos, tomando medidas, e é preciso que a Justiça funcione, para ajudar Governo a combater esse flagelo.

Independentemente disto, como o Sr. Primeiro-Ministro já fez questão de sublinhar, é preciso irmos muito mais longe, é preciso encurtarmos os recursos madeireiros e é por essa razão que no último Conselho de Ministros essa questão foi debatida e o Governo está sensível para isentar as taxas de importação dos recursos madeireiros e dos seus derivados não transformados, de forma que possamos atrair o sector privado. Sabemos que é uma empreitada difícil mais possível.

Quanto à preocupação levantada pela Sra. Deputada Edite Salvaterra, relativamente à banana, isto é certo. O Governo tem envidado esforços com vista ao incremento da produção e da produtividade nacional. É preciso sensibilizarmos a nossa população para o consumo do produto interno. O que é nosso é melhor. A nossa banana é biológica e nem se utiliza qualquer tipo de produto químico para a produção de banana, mas estamos todos voltados para o arroz. E é preciso dizer ainda: quando os Srs. Deputados consomem banana, estão a dar um contributo ao nosso pequeno agricultor, porque há uma família por trás que vai ganhar alguma coisa e quando consumimos o arroz, estamos a dar contributo ao pequeno agricultor asiático. Logo, temos que fazer opção, temos que ajudar os nossos. Os nossos pequenos agricultores têm que ser apoiados.

*Aplausos gerais.*

Não digo para eliminarmos o consumo do arroz, não é isso que está em causa, mas temos que incrementar o consumo dos produtos locais: a banana, a matabala, a mandioca, a batata-doce. Isso é que tem que ser consumido e é o que faz parte da nossa cultura, e depois é que fazemos um pequeno complemento com o arroz.

O Sr. Deputado nacional que representa o Distrito de Lembá falou a geopesca. A geopesca constitui um dossier que temos em mãos. O governo anterior assinou um memorando de entendimento, se calhar pensava na adjudicação directa, mas como pensamos em agir no marco da lei, criámos uma equipa multidisciplinar, composta por nove ou 10 elementos, da Direcção do Património, da Direcção das Pescas, do Planeamento e outras direcções, e essa comissão trabalhou, produziu um relatório e é uma empreitada que está sob a responsabilidade do Ministro do Plano e Finança e eu, estamos a trabalhar e precisamente ainda este mês vamos tomar alguma decisão no que concerne a este dossier. Nós também assistimos a vinda de barcos, o recrutamento se calhar já do pessoal para trabalhar no barco, há quem diga que os barcos já têm a bandeira de São Tomé e Príncipe, há muitas questões que devem ser esclarecidas, mas o Governo não vai trabalhar sobre pressão. O Governo quer agir na base da lei e no momento devido vai decidir.

No que concerne à questão da Sra. Deputada Ângela Viegas, acho que o Sr. Primeiro-Ministro já deu quase toda explicação. Se há pessoas que não têm nada neste país, devem ser os nossos pescadores e os nossos pequenos agricultores, sobretudo os pequenos pescadores. Logo, a verba que está inscrita parece ser muita mas é pouca e muito pouca para a atenção que se pretende dar aos pescadores e às *palaiés*.

O Sr. **Presidente**: — Pelo menos o Sr. Ministro conseguiu arrancar alguns aplausos dos Srs. Deputados e espero que o repto que lançou aos representantes da Nação e indirectamente aos são-tomenses seja observado gradualmente, ou seja, para preferirmos o consumo daquilo que é nosso.

Fez também convite aos empresários para terem uma acção mais dinâmica na produção dos alimentos a nível nacional, porque a questão do mercado põe-se de facto, porque hoje o arroz continua a competir com os produtos nacionais, sobretudo porque o preço é mais convidativo.

Sr. Primeiro-Ministro e caros colegas, temos ainda uma lista de cinco colegas Deputados que querem intervir e assim queria propor que essas Sras. Deputadas e Srs. Deputados fizessem intervenção no marco do tempo que as suas respectivas bancadas têm, antes de dar a palavra a outros Ministros, porque as questões que vão colocar poderão ser eventualmente respondidas quando os Srs. Ministros intervirem.

Tem a palavra Sra. Deputada Fernanda Margato.

A Sra. **Fernanda Margato** (MLSTP/PSD): — Acho que já estou ultrapassada, porque houve coisas que já foram explicadas, mas era só para dizer ao Sr. Primeiro-Ministro que defronte a Artes e Ofícios há um buraco que é um perigo. Por aquilo que eu vi ali, o Governo não devia esperar que chegue os materiais para fazer aquela via. É aconselhável que o Sr. Primeiro-Ministro e o Ministro de Obras Públicas fossem lá fazer aquilo, para se fazer o mínimo, tapando aquele buracão, porque pode acontecer coisas graves e porque tem acontecido problemas naquele buraco. Eu não estou a falar da estrada, mas sim de um buracão que existe lá, em que as pessoas que passam a noite podem cair, aleijar e até morrer.

Era só isso.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado António Ramos.

O Sr. **António Ramos** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, antes de mais queria pedir desculpas pelo toque do telemóvel. Há sempre esse contacto de eleito e eleitor e da minha parte foi isso que aconteceu pelo facto de o Sr. Ministro, na sua intervenção, falar que muitas zonas iriam ter água, mas não se referiu a Canavial e Fernão Dias. Isso obrigou o eleitor a procurar todas as formas, apesar de ter outros telemóveis desligados, para entrar em contacto comigo, para salientar este aspecto. Gostaria que o Sr. Ministro, mais tarde, falasse algo sobre isto.

Bom, de qualquer forma, queria agradecer o Governo pelo facto de ter inscrito estrada de Santo Amaro, de Ilhéu a Desejada, de Micoló, do Centro de Saúde de Guadalupe, Santa Luzia e Caldeiras. Há aí muitas

estradas, mas quero lamentar que não está a estrada que vai de Conde a Rio d' Ouro Pequeno, que passa em cima de Conde. É uma estrada muito importante e espero que no próximo Orçamento venham a tomar em consideração essa estrada. A população de cima de Conde, principalmente, lamenta muito, e com toda razão, porque essa estrada está num estado caótico.

Uma das minhas preocupações tem a ver com os edifícios do Estado. Eu sei que o Estado paga muito dinheiro para arrendar as casas para as instituições funcionarem, mas o que é que se passa? Por outro lado, o Estado sede as suas casas, muitas vezes, a 100 000 dobras por mês. Não sei até quando ou se já resolveram essa situação. Eu penso que é uma forma de economizarmos as nossas receitas.

Uma outra explicação que gostaria de ter é que na página 55 do OGE temos «apoio a elaboração do orçamento», com um valor de 421 milhões de dobras. Mais tarde não sei quem poderá vir aqui me explicar esse «apoio para elaboração de orçamento».

Eu reconheço a vontade do Sr. Ministro da Agricultura em mudar toda essa situação, mas gostaria que, antes de fazer tudo, entrasse em contacto com o Sr. Ministro da Defesa, em relação ao caso de que falo sempre, que é o roubo. Se não fosse o roubo, mesmo sem tanta propaganda, teríamos uma produção muito grande. Há pessoas que estão a abandonar as suas crias devido a questão de roubo, porque põe em perigo a sua própria vida. Se fosse necessário, podia tentar, em caso de emergência, propor algo que possamos fazer aqui na Assembleia, para combatermos o roubo. Porque não vamos a lado nenhum se não combatermos esse roubo. Todos os dias tenho recebido reclamações.

Por último, gostaria de falar em relação a esses casos em que o Estado é penalizado com multas nos tribunais internacionais e uma séria de coisas. Há muitos técnicos que estiveram à frente disso, pelo menos que publiquem os nomes. Eu aqui não sei de nenhum técnico ligado, por exemplo, a qualquer coisa em que o Estado foi penalizado e há necessidade de publicar. Queremos saber quem são essas pessoas. Mais tarde vamos ter diversas associações profissionais e muitas das vezes essas pessoas estarão à frente como altos técnicos e essas pessoas não trabalham para receber o salário de técnico superior de dois milhões, oitocentos e qualquer coisa. Repito, há necessidade de pelo menos publicar-se os nomes dessas pessoas. Era só isso.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Pires Neto, para uma intervenção.

O Sr. **Adelino Pires Neto** (MDFM/PL): — Sr. Presidente, Primeiro-Ministro, Srs. Deputados: Quero confessar-vos que hoje estou muito satisfeito por ter-me acontecido duas coisas, uma vi e outra ouvi.

Sr. Primeiro-Ministro, quero confessar-lhe uma coisa. Ao ouvi-lo falar a língua de foro, muito sinceramente, fiquei admirado. É preciso conviver com as pessoas para depois falar, porque logo na primeira hora as pessoas podem até dizer «épa esses senhores...», mas não é aquilo que as pessoas pensam. Vou enfrentar-lhe muito na língua nacional, mas que não é hoje...

*Risos gerais.*

...porque em São Tomé costuma-se dizer «gato ka tixí dja sé mé, sum na ka cudji ê Jisu kuji fá. Vamos encontrar-nos. E outra coisa, Sr. Primeiro-Ministro, é o compromisso assumido aqui perante o público de que, assim que inaugurar o primeiro chafariz, o vai beber água.

Sras. e Srs. Deputados, a área que estamos a discutir, área económica, já está trabalhada. Para um bom aluno, tudo já está explicado e o que só estou à espera é da execução, porque vou estar em cima e não vou deixar nada passar.

Sr. Ministro de Obras Públicas, quero muito sinceramente felicitar-vos por duas questões. Tinha essa preocupação comigo e vejo no Orçamento, é a estrada do Cemitério de Santo Amaro. Porque se uma pessoa vive em turbulência e dificuldade e quando morre ainda passa por aquela estrada com turbulência, vai passar uma vida nunca mais vista. Aquela estrada está muito mal e como já está orçamentada eu quero dizer-vos que os cadáveres que vão passar por aí de certeza que vão felizes.

Sr. Ministro, em seguida quero falar de um pequeno troço que é a estrada de Vanguarda, que também está inscrita, e assim convido-lhe desde já a estar presente na festa de Santa Peregrina de Batepá, porque aquela imagem também vive sacrificada, porque cada vez que sai da capela para fazer a procissão, passando por aquela estrada com chuva é muito sacrifício. Se ela vai passar por uma estrada boa, para nós de Mé-Zóchi é uma satisfação.

Sr. Ministro da Agricultura, sei que os senhores podem ficar agitados, mas podem não ficar agitados comigo porque é assim, as primeiras brasas são para as minhas sardinhas. Eu admiro-lhe, mas não é de hoje, já lhe conhecia, apesar de ser um bocado mais novo. O senhor é um homem que em São Tomé costuma-se dizer: «toque ka sá dóxi, a pô na dança fá, maji a ká gingá cabeça». Quando o senhor estava a falar, querendo ouvir ou não, da maneira que o senhor ia tocando, a pessoa agitava a cabeça. Ok, muito bom para Mé-Zóchi/Trindade. Isso é dos trindadenses «uê dangí só kadá zêtê».

Sr. Ministro da Agricultura, vou confiar em si, porque o senhor é aquilo que costumam dizer, é peixe dentro da água. Falo isso porque o senhor é o homem que desde pequeno criou na agricultura com sacrifício dos pais e conseguiu evoluir, continuou na agricultura, hoje está dentro da agricultura e felizmente

foi escolhido para Ministro da Agricultura, portanto, o Governo do Sr. Dr. Gabriel Costa está de parabéns, porque tem uma pessoa certa no sítio certo.

Outra questão, Sr. Primeiro-Ministro, quero dizer-lhe que estamos um com problema. O Sr. Ministro de Infra-estruturas tem problemas com a EMAE. Eu não sei o que é que vamos fazer rapidamente para tentar resolver isso. Ontem na Trindade não havia luz. Telefonei para tentar saber a causa disso e disseram-me que havia apenas três motores a funcionar e a funcionar como? A funcionar a meio gás. Quer dizer, a funcionar menos que metade. As pessoas não morreram porque houve assistência, senão podiam acabar por morrer, mas o que me deixa dúvida, Sr. Ministro, é que há três motores em Bôbô-Fôrro e esses motores, segundo me disseram, ora funcionam ora não funcionam, mas são sempre abastecidos com o combustível da EMAE. Quero saber, sinceramente, como é que um motor que às vezes funciona e outras não pode ser abastecido quase todo o momento com combustível. Portanto, quanto a isso, temos que ter conhecimento. Já não há piada, perdoar ou não perdoar, o que temos que fazer é tomar medidas, tentar saber onde estão as coisas e executar. Assim, meus senhores, estamos aqui para ajudar e tudo aquilo que se souber, seja de quem for, de João, Pedro ou Manuel, o problema pode ser também do tio ou do primo, tem-se que informar e assim tenho que saber as causas, aonde, e como é que está.

Portanto, Sr. Ministro, não faço muito mais comentários e só estou à espera da execução. Assim que os senhores tiverem os documentos na mão, eu estaria em cima para execução, que para mim é essencial, porque o povo já está cansado.

Outra coisa, meus senhores, sei que não se vão aborrecer muito comigo. Há uma boa explicação para estarem aqui na Assembleia, mas sabem onde essa explicação chega? Chega na cidade capital e distrital. Não sai para os *funca-funcas*, mas é lá que tem muita gente que votou, muita gente que precisa de explicação. Às vezes os senhores explicam as coisas, mas não chega lá, só fica aqui na cidade capital e distrital, porque é aqui que tem pessoas que entendem tudo isso. Lá no mato as pessoas perguntam «*nóm punta quá sé, quê kúa cuê sá ê?*» Assim, gostaria que cada vez que expliquem uma coisa façam um bocado como fez hoje o Sr. Primeiro-Ministro, de forma a chegar lá nos *funca-funcas*.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Arlindo Barbosa, para uma intervenção.

O Sr. **Arlindo Barbosa** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, em princípio, não estava para fazer mais intervenção sobre esta área, mas sou forçado a fazê-lo face à resposta dada pelo Sr. Ministro de Obras Públicas, em relação à questão que levantei sobre a extensão da energia até Santa Catarina. Eu sei que o Governo do Sr. Primeiro-Ministro não faz milagres, porque sei que o Orçamento é uma previsão e cerca de 90% dos recursos é externo. Foi dito aqui pelo Sr. Primeiro-Ministro que a linha orientadora deste Governo é o combate à pobreza e melhoramento das condições de vida das populações, e eu diria mesmo, face ao Orçamento que apresentou que é o início de uma guerra contra a pobreza e não luta contra a pobreza.

Sr. Primeiro-Ministro, nessa questão de energia para Santa Catarina, sei que não está projectado nas aspirações que o Sr. Ministro de Obras Públicas deu e que encara esse assunto sério, porque não está projectado, mas espero que ao nível das parcerias possa dar um sinal. A minha preocupação não é dar início a essa obra este ano e terminar, mas sim que o Governo desse um sinal sobre que visão tem para a extensão de energia para essa comunidade, e aqui não estou a falar só da Vila de Santa Catarina. Estou a falar de energia que abarca as comunidades de Monte Forte, Esprinha, Diogo Vaz, Santa Catarina. São cerca de 6 000 habitantes e estou a falar de um espaço de 9 km, porque já temos energia em Generosa. Hoje a população coloca essa questão, porque nós sabemos que a energia que sai do Contador vai até Ribeira Afonso e sei que, num espaço de 9 km, é possível dar início. Espero que o Governo dê alguma resposta em relação a isso.

Sr. Primeiro-Ministro e Srs. Deputados, se se recordam, nas últimas eleições, foram colocadas barricadas durante...

*Murmúrios e protestos gerais.*

...e penso que desta vez essa atitude da população poderá estender-se a outras comunidades.

A Sra. **Filomena Monteiro** (MLSTP/PSD): — *Ele não pode falar assim!*

O Sr. **Arlindo Barbosa** (MLSTP/PSD): — É por isso que eu gostaria de apelar e pedir encarecidamente ao Governo que encontrasse um meio-termo para pelo menos dar o início a esta obra de extensão da energia à zona Norte do País.

É esse apelo que gostaria de fazer ao Governo. Sei que as dificuldades são tantas, mas gostaria de ouvir do Governo, sobretudo o Sr. Ministro de Obras Públicas, que ideia tem para que evitássemos outros transtornos nas próximas eleições.

O Sr. **Presidente**: — Agradeço a intervenção do Sr. Deputado, mas gostaria de chamar atenção para não voltarmos a fazer apologia a pequenas manifestações face às dificuldades existentes a nível nacional.



Tem a palavra o Sr. Deputado Dionísio Fernandes, para última intervenção.

O Sr. **Dionísio Fernandes**: — Sr. Presidente, é apenas para corrigir uma má interpretação de quando eu falei sobre a questão de recursos naturais. É para dizer ao Sr. Ministro de Obras Públicas que sabemos que efectivamente é um quadro rico na área que tutela, mas é só para dizer que a minha proposta era para diminuir os custos e não as despesas dos funcionamentos das instituições em relação aos proveitos derivados do processo da exploração petrolífera, sobre o ponto de vista dos nossos interesses. Porquê? Porque as empresas que actuam nesse processo de exploração têm um custo elevadíssimo, o que aumenta as nossas dívidas. Daí que quando eu dizia «diminuição dos custos», é diminuição dos custos e não alocação de verbas. Era apenas isso que eu gostaria de dizer.

O Sr. **Presidente**: — Sr. Primeiro-Ministro, terminamos a lista dos inscritos. Dar-lhe-ia a palavra para o remate final, ou convidar os Srs. Ministros para esclarecimentos adicionais.

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, eu começaria pela última intervenção, por razões de comodidade na apresentação. É para dizer ao Sr. Deputado Dionísio Fernandes que eu interpretei efectivamente a sua preocupação. Concordo com a explicação que foi dada pelo Sr. Ministro, mas a sua é legítima e ela foi objecto de uma análise em Conselho de Ministros e na apresentação do OGE o Sr. Ministro já se tinha referido a ela. Isto é, nós temos custos enormes que suportamos por antecipação no funcionamento da Zona de Exploração Conjunta e faz todo sentido que repensemos efectivamente essa nossa actuação. Estamos em concertação nessa matéria com o Sr. Presidente da República, quer no funcionamento da questão da comissão do petróleo, os quadros que temos na chamada JDA. Vamos repensar isso, porque não temos o hábito de fazer contas e temos estado a gastar por antecipação e contrair dívidas com o funcionamento de uma organização na produção 60/40, sem aquilatar-mos exactamente do montante dessa dívida. Nós não sabemos.

Essa questão já foi aflorada e vem sendo objecto de estudo e tudo aponta para a necessidade imperiosa de uma redução substancial das despesas que temos tido com a nossa participação na Zona de Desenvolvimento Conjunto.

A sua questão é pertinente e tem respaldo na reflexão que foi feita pelo Conselho de Ministros nessa matéria.

Sr. Deputado Arlindo Barbosa, é verdade o que o senhor disse. Eu pessoalmente tenho contacto directo com Santa Catarina. Embora não vá lá muitas vezes, tenho o *feed back* e chegam-me as notícias sobre Santa Catarina. É uma zona de pobreza extrema, não há dúvida nenhuma. Para além do problema da Rádio e da Televisão, há o problema de luz e achamos que vamos recorrer a outras vias. Mesmo não estando no Orçamento, não quer dizer que nós não temos em mente essa questão. Sabemos que hoje a Vila de Santa Catarina tem um gerador que foi colocado lá e há painéis solares numa outra zona, mas sabemos o que se passa em Brigoma e nessa zona toda.

O que disse é verdade, não podemos continuar a ter um desenvolvimento tão assimétrico do País. É por isso que vamos fazer levantamentos, vamos ver como é que podemos fazer para poder fazer com que as pessoas não sofram tanto como têm sofrido até agora, como se para elas a independência nunca tivesse chegado.

Queixamo-nos da falha de energia, mas há pessoas que vivem permanentemente em trevas, na escuridão. Temos que ter isso em atenção, por isso é que concordamos consigo em relação à expressão «guerra contra a pobreza». Já não é «luta», porque realmente a situação é gravíssima e temos que fazer alguma coisa para atenuar o sofrimento das pessoas. Estão na escuridão há vários anos e nós não descansaremos! Agora, amanhã e sempre, temos que lutar para que o nosso país seja cada vez menos desigual.

O Sr. **Presidente**: — Sr. Primeiro-Ministro, precisamos de fazer recurso a crédito para que o Governo tenha tempo. Temos duas alternativas: o MLSTP/PSD, que dispõe ainda de 34 minutos, e o ADI, que dispõe ainda de 94 minutos. Gostaria de saber dos dois Grupos Parlamentares qual deles cede alguns minutos ao Governo.

O Sr. **José Viegas** (MLSTP/PSD): — Damos 10 minutos ao Governo.

O Sr. **Presidente**: — Sr. Primeiro-Ministro, tem 10 minutos do Grupo Parlamentar do MLSTP/PSD. Não sei se o ADI dispõe alguns minutos ao Governo. Sr. Líder Parlamentar do ADI?

*Silêncio por parte do Grupo Parlamentar do ADI.*

*Murmúrios e risos do MLSTP/PSD, do PCD e do Deputado do MDFM/PL.*

O Sr. **Presidente**: — Não reage.  
De momento, o Sr. Primeiro-Ministro tem 10 minutos.

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Muito obrigado Sr. Presidente pela sua generosidade e serei breve de forma a não ultrapassar o tempo que me deram, fazer a económica do tempo.

Sr. Presidente, relativamente à situação em Fernão Dias, quero dizer a esta augusta Assembleia que realmente esta questão também deve ser equacionada. Os Bombeiros abastecem aquela localidade três vezes por semana com a água. É uma situação transitória e, naturalmente, não pode continuar. Temos alguma esperança nalgumas promessas que nos foram feitas, que poderemos suprir essa carência naquela localidade. Aliás, a mesma coisa acontece com a escola do Aeroporto e o Centro de Endemias, onde os Bombeiros também abastecem, quinzenalmente.

Relativamente à questão colocada pelo Sr. Deputado Yorgue, saber se as casas sociais de Malanza e Porto Alegre foram feitas para hotel do Estado, quero confessar que não temos qualquer informação sobre isso, mas de uma coisa poderá estar certo: casas sociais serão para fins sociais, se alguém tomou a decisão de fazer daquilo hotel de Estado, essa decisão será nula e de inexistência absoluta, porque vamos afectá-las ao fim para os quais foram feitas. Portanto, poderá estar descansado, boa nota foi tomada e acto contínuo será uma acção tomada nesse sentido.

Sr. Deputado António Ramos, sobre os edifícios do Estado, é claro que é uma questão crónica. O Estado paga rendas completamente impensáveis e, entretanto, quando é o Estado a colocar o seu edifício à disposição de alguém o preço é irrisório. Portanto, é isto tudo que a gente tem que inverter. Aliás, pensamos que tem que haver o património imobiliário do Estado e é por isso que pusemos no OGE as contas do Estado, para que o Tribunal de Contas faça o relatório sobre a execução orçamental e também vai ter que apreciar como é que a situação desse património, para exactamente se ter um controlo, para que quando a Assembleia tomar as contas do Estado, como está constitucionalmente previsto, vai saber exactamente como é que aquilo que é do Estado é tratado. Sabemos que aquilo que é do Estado é malbaratado e, portanto, temos que inverter isto. Se implementarmos isso, podemos estar seguros que teremos um maior controlo. Aliás, tem que haver edifícios públicos para albergar serviços em condições e o Estado não pode estar a pagar rendas indefinidamente. Era preferível ir ao banco pedir dinheiro emprestado e estar a pagar juros e ter edifícios, que depois seriam do Estado do que pagar rendas em vão. Enfim, o Estado não fica com nada depois de algum lapso de tempo.

Sra. Deputada Fernanda Margato, tomei boa nota e o Sr. Ministro de Obras Públicas também tomou boa nota desse tal buraco. O que fizemos foi resolver o problema crucial que havia em frente a Artes e Ofícios, mas há efectivamente um buraco que está naquela zona e vamos tentar, o mais rapidamente possível, tapá-lo. Aliás, há problemas muito sérios ao nível da nossa cidade. Tomei conhecimento de que uma parte da ponte da EMAE caiu, isso vem acrescer às nossas dificuldades e temos que ir debelando esses problemas todos.

O Sr. **Presidente**: — Sras. e Srs. Deputados, depois da última intervenção do Sr. Primeiro-Ministro, sei que os Srs. Deputados do PCD e do MDFM-PL já não dispõem de tempo, não sei se os Srs. Deputados do MLSTP/PSD têm alguma questão ainda a colocar face ao tempo que dispõem?

*Negaram, acenando com a cabeça.*

Sr. Primeiro-Ministro e Srs. Ministros, não sei se há esclarecimentos adicionais.

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — O Sr. Ministro do Comércio irá prestar ainda alguns esclarecimentos.

O Sr. **Presidente**: — Se faz favor, Sr. Ministro, tem a palavra.

O Sr. **Ministro do Comércio, Indústria e Turismo** (Demóstenes Pires dos Santos): — Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados: Creio que, em termos de resposta a algumas intervenções feita no início da sessão pelo Srs. Deputados Delfim Neves, Guilherme Octaviano e a Sra. Deputada Ângela Viegas, o Sr. Primeiro-Ministro, aquando da sua intervenção, quase que esvaziou, mas gostaria de tecer algumas considerações sobre as questões aqui levantadas.

Quero congratular-me com o Sr. Deputado Delfim Neves na apadrinhagem do projecto inscrito na área da indústria. Temos um projecto de transformação do lixo em biocarvão. O Sr. Deputado fez menção às vantagens deste projecto, no entanto, deixou uma questão também que se prende com o valor da verba inscrita. Antes de responder a essa questão, ia adicionar mais uma vantagem do projecto. Falou que o projecto traria vantagens ambientais, porque haveria menos lixos na rua e que ia contribuir para a redução do paludismo, porque os focos para a reprodução dos mosquitos deixariam de existir, e do adubo que se pode utilizar como resultado no sector da Agricultura eu queria acrescentar a vantagem da produção de energia. Ao instalar este projecto, pretendemos resolver a questão do lixo nas ruas, mas também aproveitar, como são máquinas autosustentáveis, produzir uma certa quantidade de energia. É um projecto que, ao ser implementado, dependendo da capacidade instalada e da quantidade de lixo que produzimos diariamente, pode produzir energia até para abastecer cerca de 500 casas. Portanto, é um projecto que, no quadro da estratégia do Governo, é de todo interesse ser implementado.

A questão do valor inscrito, sim, é uma quantidade insuficiente e pretendemos implementar a primeira fase neste Orçamento e a outra no próximo.

O Sr. Deputado fez menção também que será necessário colocar na rubrica o termo «primeira fase». Não sei qual é a versão do documento que tem, mas na versão que tenho está «primeira fase». Portanto, é um problema que está resolvido.

O Sr. Deputado Guilherme Octaviano levantou a questão da instalação da Agência de Promoção do Comércio e Investimento (APCI). Para responder que é de todo o interesse do Governo a instalação, o mais rapidamente possível, dessa Agência. Temos algum *handicap* no que toca ao espaço físico. O Estado são-tomense tem estado a crescer em termos de números de população, mas em infra-estruturas não. Portanto, estamos agora com o problema de onde instalar a Agência, mas isto não deixou de lado os expedientes, estamos à busca, tem que ser um espaço com alguma qualidade física e também com algum preço módico para, em termos de custo, não pesar muito o Estado. Temos que arrendar um espaço para a sua instalação.

Paralelamente a isso, já iniciamos o processo de revisão do estatuto da Agência, entendemos que há uma necessidade de melhor enquadramento e estamos a criar o regulamento interno para o funcionamento da mesma. Portanto, assim que tivermos o problema de espaço e das instalações resolvido, a Agência será uma realidade.

Falou também da questão da capacitação de micro e pequenos empresários, a questão da formação que tem que estar associada à questão do resultado/emprego. Também está na nossa estratégia desenvolver essa actividade em harmonia com os outros Ministérios, com vista a acção/resultados. Acção/resultados porquê? Porque pretendemos formar e capacitar, sim, mas para que o indivíduo depois possa criar o seu próprio emprego. Ou então, para além disso, melhorar a actividade que ele já vem desempenhando. É um projecto que tem uma acção transversal, podemos assim dizer, porque engloba o Ministério da Juventude no que toca a camada juvenil; o Ministério da Saúde e Assuntos Sociais, quanto à problemática do emprego, portanto, resolve esse problema; o Ministério da Agricultura, no que toca ao excedente da produção. Portanto, vamos com esse projecto, nestas vertentes todas, tentar tirar o melhor resultado possível.

A Sra. Deputada Ângela Viegas fez menção à eliminação de uma rubrica inscrita no Ministério do Comércio, Indústria e Turismo, que se referia a construção do edifício ministerial. Concordamos em traços, porque se existe o projecto da casa *Bachá* e que haverá um espaço para o Ministério, então não faz sentido continuarmos com esse projecto. É preciso fazer uma actualização do projecto casa *Bachá*, porque sabe que o Ministério do Comércio hoje cresceu um pouco mais. Em tempos não tínhamos a Agência e hoje já temos, que no mínimo terá necessidade de 13 a 14 quadros.

Temos também a Direcção de Regularização da Actividade Económica, que também tem cerca de 30 funcionários e tem-se que ter em conta estas questões.

Portanto, estando o projecto de casa *Bachá* no Ministério, consideramos de toda a pertinência que a questão seja retirada.

A questão do empreendedorismo. Achamos que, na impressão do documento, faltou apenas a palavra «industrial», porque há vários projectos. Disse que alguns podiam até confundir-se com o crédito à juventude e outros créditos, sim, é um processo de crédito, mas na vertente industrial. O nosso sector industrial é quase inactivo, então o Governo pretende tornar esse sector mais proactivo e dinâmico. Logo, inscrevemos no Orçamento uma verba para desenvolver, ou para incentivar o empreendedorismo industrial.

É um projecto também que tem resultado quase transversal porque, ao ser implementado, estaríamos a resolver a questão da agricultura. Quando o Sr. Deputado Delfim Neves referiu-se ao excedente da produção que não é aproveitado, este crédito para a vertente industrial versa-se mais sobre a agro-agricultura.

Podemos adicionar ainda a este projecto outros sectores de pequenas indústrias. Não temos capacidade para grandes indústrias, porque o nosso mercado é pequeno, mas pequenas indústrias, podemos chamar de «indústrias complementares», é possível ser implementada. Porque um empreendedor que quer transformar a banana ou o ananás, vai ter problema de embalagens, por exemplo, tem que as importar. Logo, torna o projecto quase inviável.

Vimos, por exemplo, na comunicação social, o produtor de goiaba que não tinha os tais sacos para embolsá-las. São pequenas indústrias que se podem desenvolver no âmbito deste projecto, portanto, complementar outros sectores.

Sei que o nosso tempo já se esgotou, ia se calhar pedir mais 1 minuto ao Grupo Parlamentar do MLSTP/PSD, só para complementar...

*Risos gerais.*

É um crédito saudável...

O Sr. **Presidente**: — Sem autorização, já lhe dou 5 minutos. Pode terminar, Sr. Ministro.

O Sr. **Ministro do Comércio, Indústria e Turismo**: — Era só para fechar a questão do crédito empreendedor para o sector da indústria.

Estava a me referir à questão de pequenas indústrias complementares, falei um pouco da problemática que tivemos ultimamente com um agricultor, quando queria embolsar a goiaba, mas podemos ver numa outra faceta. Anualmente importamos toneladas de vidro, no caso das bebidas que se importa e as embalagens plásticas e todo esse produto, podemos assim considerar resíduos sólidos que vão para o meio ambiente. Porquê não reciclar? Claro que o inteligente que puder implementar esta vertente reciclagem, terá consumo imediato, que são outros inteligentes

que terão a necessidade de transformar a goiaba, a banana e outros e estaria também a resolver o problema do agricultor que depois estaria também a produzir mais porque tem quem consome o produto. Portanto, é uma cadeia que acho que é de toda pertinência implementarmos.

Creio que, em termos de resposta, as questões estão todas respondidas. Ia aproveitar o momento só para esclarecer aos Srs. Deputados uma questão levantada pelo Sr. Deputado Pires Neto, numa das sessões, que tem a ver com o processo de compra do arroz e do açúcar, que se fez em 2011. É um processo que vem no pacote daquilo que herdamos, que se precisa de alguns esclarecimentos.

Enquanto Ministro, já dei diligências aos serviços para apresentarem os relatórios desse processo, mas até então não foram apresentados. Rapidamente deu-se diligências junto da Inspeção Geral das Finanças, para proceder a uma sindicância ao processo. Portanto, acho que, após esses expedientes, podemos informar melhor sobre o «retorno do filho a casa».

O Sr. **Presidente**: — Sr. Primeiro-Ministro, Sras. e Srs. Ministros, caros colegas, chegamos ao término da análise da área económica das GOP e do OGE. Porém, como algumas questões ficaram pendentes e o Governo terá necessidade de fazer algumas propostas concretas a serem incluídas no documento, em função do debate havido esta manhã, retomaremos amanhã a sessão. Num primeiro momento, faremos as precisões para que as mesmas sejam incluídas nos documentos que estão a ser discutidos e, após isso, iniciaremos a discussão desses dois documentos na área social.

Gostaria de chamar a atenção das Sras. e Srs. Deputados para a pontualidade. Estamos a registar uma média de quase 90 minutos de atraso em relação à hora marcada para o início dos nossos trabalhos. Daí que gostaria de pedir aos Srs. Líderes Parlamentares para fazerem um esforço no sentido de os nossos colegas estarem a horas para podermos iniciar a sessão no tempo aprazado.

Dou por isso encerrada a sessão, agradecendo a todos pela colaboração prestada.

*Eram 12 horas e 25 minutos.*

*Faltou à sessão o seguinte Sr. Deputado:*

Acção Democrática Independente (ADI):

**José da Graça Diogo**